



**ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”**

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

APANHADO TAQUIGRÁFICO DA 1ª SESSÃO LEGISLATIVA, DA 18ª LEGISLATURA, DA CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE, REALIZADA EM 27 DE JULHO DE 2021.

**ATA DA 10ª AUDIÊNCIA PÚBLICA
ASSUNTO: DEBATE REFERENTE AO ‘JULHO DAS PRETAS’.**

REVISORA



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

EQUIPE TAQUIGRÁFICA:

Amanda Mamede – Matrícula nº 152126

Jonas Ribeiro – Matrícula nº 2625

Lúcio Targino – Matrícula nº 2677

Maria da Paz – Matrícula nº 152121

Pedro Henrique – Matrícula nº 2626

Sávio Nóbrega

Observação: a presente Sessão foi realizada mediante modalidade remota.
--



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: A gente tá só fazendo... obrigada! A gente tá só fazendo os últimos ajustes aqui pra abrir, de fato, a audiência, tá bom? Só mais dois minutinhos e a gente começa. Grata a todas! Bom dia a todas as pessoas que estão aqui acompanhando a gente, nessa sala. Inicialmente, é uma satisfação encontrar e vê-las, né? Mesmo que de forma remota, mas é sempre significativo quando a gente se percebe no rosto, né? Principalmente, de mulheres como vocês. E aí agora pras formalidades, né? Porque, enfim, tem alguns ritos que nos pedem isso. Mas eu quero dizer da minha satisfação, antes de qualquer coisa. A gente não é obrigada a seguir o protocolo sempre! Mas, enfim, declaramos aberta a presente audiência. A presente Sessão tem por finalidade atender a propositura da Vereadora Jô Oliveira (esta que vos fala) e tem como objetivo debater o “Julho das pretas”, é... e, inclusive, é importante salientar que este requerimento foi aprovado por unanimidade nesta Casa, entendendo a importância que tem de a gente fazer este debate sobre o dia da mulher negra, latino-americana e caribenha, fazendo esse link com a nossa realidade enquanto cidade e, obviamente, enquanto estado, porque nós temos representações aqui de mulheres que, nas suas mais variadas frentes de luta, têm feito os enfrentamentos necessários, para que a gente possa construir essa sociedade justa, igualitária que nós esperamos, mas, principalmente, como principal elemento aí às mulheres negras que são o maior estrato populacional deste país e que tem, inclusive, em suas mãos, em seus corpos, em suas trajetórias, a responsabilidade, inclusive, de dar a esse país o tamanho, a dimensão que ele tem. Então, é com muita satisfação que a gente faz, nesse dia de hoje, esse debate de forma coletiva, construído com cada um aqui que, inclusive, tem a possibilidade de trazer, a partir de seu lugar, a partir do espaço que ocupa e que faz os enfrentamentos necessários, apontamentos, para que a gente possa ir superando as muitas condições que nós ainda enfrentamos de discriminação racial, de desigualdade de gênero. E que a gente possa, dentro dessa política que a gente vai construindo aqui, possibilitando olhares, né? E nesses olhares é que a gente pode se irmanar, construir e ampliar os nossos laços, mas, principalmente sonhar, né? Eu acredito que a gente não pode passar para além das outras perspectivas, se a gente não sonha junto, se a gente não constrói junto. E eu digo sonhar, porque, assim, estamos aqui também é resultado disso, né? Resultado de um sonho coletivo, de uma construção que envolveu várias mãos (e muitas mãos pretas), para que a gente tivesse aqui. Inclusive, trazendo à memória a nossa ancestralidade, a todas as mulheres negras, né? Que foram alargando os caminhos para que a gente pudesse ocupar hoje esse espaço, que é institucional, que é o resultado direto de uma escolha democrática e popular que é o voto. E nós estamos aqui (temos também Estela, que representa também essa possibilidade de escolha), mas cada uma de nós aqui, nos lugares que estamos, a gente tem a possibilidade de construir somando, né? Com várias outras mãos também, que fazem parte da nossa história, da nossa caminhada e estão aqui hoje. Então, eu quero agradecer a cada uma de vocês que se colocam nesse lugar. Quero dizer às pessoas que estão nos acompanhando pela internet, né? A partir da nossa transmissão na TV Câmara, nós estamos com o chat aberto, se quiser fazer alguma pergunta, alguma coisa que queira trazer aqui para o nosso debate, nós estaremos também com o canal aberto. Gostaria de agradecer à Vereadora Valéria Aragão que acompanha aqui esse debate conosco e todas as mulheres negras que toparam esse



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

debate conosco. E aí é importante a gente colocar o seguinte, né? Cada uma aqui traz um pouco da sua história, da sua origem e vai poder partilhar isso aqui com a gente. Então, como nós temos algumas mulheres, inclusive, muito ocupadas na construção dessa sociedade que a gente espera, eu já gostaria de, abrindo a sala, queria combinar com cada uma de vocês e sabendo o esforço, né? Do quanto é difícil a gente tentar trazer coisas tão importantes para o nosso dia a dia, principalmente articulada com a pauta das mulheres negras, é... a questão do tempo, mas eu gostaria de combinar com cada uma aqui a possibilidade de a gente ir fazendo a nossa fala em torno de dois, três minutos, porque, inclusive, depois possibilita que a gente faça o debate. Eu sei o quanto é difícil! Também estou nesse esforço, mas, inclusive, pra que a gente possa ter a possibilidade de ouvir cada uma mais, não é? E a gente possa fazer essas construções. Podemos começar? Grata, então! Eu gostaria de começar escutando a questão da nossa, é... ancestralidade e respeitando, inclusive, fazendo essa articulação direta com quem a gente tem vivenciado esse contexto de ameaça aos nossos direitos, principalmente aos povos originários, como a gente costuma registrar. E gostaria de passar a palavra para Edinalva Rita, né? Que é uma mulher, uma liderança negra lá de Caiana dos Crioulos e que tem, inclusive, a possibilidade de trazer esse olhar, aqui, pra gente. Então, Rita, representante da Associação de Apoio à Comunidade Afrodescendente, representante do Coletivo Cultural dos Crioulos, que, inclusive, é uma empreendedora quilombola. Então, Rita, a palavra é com você, querida.

A SRA CONVIDADA EDINALVA RITA (REPRESENTANTE DA ASSOCIAÇÃO DE APOIO À COMUNIDADE AFRODESCENDENTE): Olá, pessoal! Um bom dia a todos! Salve, salve esse momento importante, né? De muita alegria pra nós e reflexão. De antemão, eu queria agradecer o convite da nossa Vereadora Jô, companheira de luta, que representa, né? Representa tantas outras mulheres nessa luta e nesse espaço, né isso? Então, assim, agradecida a vocês pela oportunidade da gente fazer sempre esse debate. Eu acredito que é muito importante, né? A gente aproveitar todos os momentos pra que a gente possa debater essa questão racial, essa questão de racismo, essa questão de luta e resistência em qualquer momento do ano de nossas vidas, né? Então, eu sou Edinalva, Edinalva Rita. Sou daqui do Quilombo dos Crioulos, no município de Alagoa Grande. Sou militante do movimento negro, né? Faço parte da AACADE, que é a Associação de Apoio aos Assentamentos, é... Comunidade Afrodescendente. Represento o coletivo aqui da minha comunidade. E hoje estou atuando como empreendedora aqui no quilombo, né? E na luta! Na luta de resistência, na luta para sobrevivência, na luta por busca de direitos, é... de defesa aos direitos conquistados. Quero dizer, Jô, que esse mês de julho, mas o mês como um todo, o ano como um todo e esse momento que nós estamos vivendo tem sido um momento de grande reflexão, acredito que não só para mim, mas pra muitas mulheres, para todas as mulheres que conseguem entender a essência dessa luta, a essência do significado desse... dessa luta que a gente vem vendo e tentando sobreviver. Então, é... queria só reforçar e reafirmar a minha alegria por ter Jô como me representando, não só na Câmara, né? De Campina Grande, mas em qualquer lugar que essa mulher... depois que eu conheci ela, em qualquer lugar que ela chega ela me representa, porque, diferente da gente hoje, dos direitos conquistados, depois das conquistas, né? Que o nosso... que o nosso povo negro, que as nossas mulheres conseguiram, é... a gente vê muita gente que faz parte de movimentos, que faz parte de ações,



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

né? De fórum, enfim... mas é muito difícil a gente ver, de verdade, a mulher que encara com determinação e coragem sem ter medo mesmo de dizer o que é, de dizer pra que veio, de dizer porque está ali. A mulher que não deixa ninguém tirar a sua coragem de falar e expressar o que você realmente quer. E eu vejo isso em Jô, ver mulheres que eu me sinto representada em cada cantinho desse mundo. Em cada uma de vocês que estão aí participando, né? Desse momento conosco. Então, assim, é... eu venho de uma luta, venho de uma família (sou a penúltima filha de quatorze filhos) que Rita teve, quatorze filhos que apenas eu e mais uma irmã conseguiu fazer o ensino médio. E dizer a vocês que chegar até aqui, né? Diante de uma cidade altamente racista, preconceituosa, que nos retira direitos, que retira os direitos de estar ali, onde queremos estar, onde deveríamos estar, onde temos o direito de estar, né? Então não foi fácil chegar até aqui, não foi fácil estar participando com vocês nesse momento. Então, conhecer Jô, conhecer a luta, conhecer o movimento, fazer parte desse movimento, é... digo a vocês que foi uma caminhada muito difícil! Vocês não sabem o que é estar em uma sala de aula, ser tratada como “cão de ferro”, como “nego fedorento”, né? Como a preta das “canela suja, dos pés de barro”, né? Mas... então, dizer pra vocês hoje, expressar pra vocês hoje a minha alegria de estar aqui podendo falar em nome da minha comunidade, em nome do meu povo, em nome das mulheres que a gente se sente representada. Dizer a vocês que estou na luta, continuo na luta, é... tentam calar nossas companheiras, mas, a cada companheira que tentam calar, a gente renasce, né? A gente se rever florindo, novamente - e é isso que nos fortalece. E aí, Jô, dizer a vocês que, em qualquer momento, enquanto mulher e enquanto mulher negra, é... é difícil... é difícil! Mas não desistam! Não desistam, porque a resistência... nós somos a essência da luta dos nossos ancestrais. Então, ser mulher negra, ser quilombola, ser mulher é muito mais do que ter uma pele negra... é carregar, dentro de mim, a essência da minha ancestralidade. Não sei se eu tomei tempo demais...

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Não! Foi, pra variar, você foi perfeita! E, assim, eu, particularmente, preciso dizer que eu tô me segurando aqui pra não chorar, porque sempre que eu escuto Nalva falando e trazendo, aqui, essa referência, esse lugar que ela vivencia, né? Essa experiência de resistir nos espaços, inclusive, que nos foi negados historicamente é sempre muito importante. Então, eu, particularmente, fico muito feliz de estar aqui hoje nesse espaço, de lhe ouvir, inclusive, dentro desse momento que a gente tem a possibilidade de refletir, né? De pensar coletivamente. Quero agradecer aqui a presença dos meus colegas Vereadores e Vereadoras (a Vereadora Valéria; a Vereadora Carol Gomes, é... o Vereador Rubens que sempre tem acompanhado nossos debates aqui enquanto Câmara, não é? Ele tem sido muito ativo nesse debate. E também ao Vereador Rostand. Gratidão a vocês). E, seguindo esse caminho do que significa construir essa trajetória e estarmos aqui hoje, eu gostaria de convidar a professora Margareth Melo, representante da ADUEPB, mas Margareth vem, aqui, também, como uma das principais fundadoras do movimento negro, aqui, em Campina Grande, construindo esse caminho, né? Inclusive, trazendo a pauta da educação. Margareth foi conselheira de educação durante muito tempo, esteve e está nessa luta em defesa da educação, em busca de qualidade e também inclusive, né? Para os nossos e nossas. Então, Margareth, você tem entre dois e três minutos para fazer essa construção (*interrupção da fala devido a conversas simultâneas*)... e aí



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

eu gostaria de agradecer a quem já tá chegando, quem tá entrando. E quem for chegando, por favor, desative o microfone, tá bom? Porque aí a gente vai garantindo essa construção. Margareth, querida, com você a palavra. O microfone de Margareth está desligado.

A SRA CONVIDADA MARGARETH MELO (REPRESENTANTE DA ADUEPB): Bom dia a todas e todos! Estão me ouvindo bem agora? Muito obrigada pelo convite, Jô! Muito honrada por estar participando dessa audiência. Pra quem não me conhece, eu sou professora da Universidade Estadual da Paraíba, né? Do curso de pedagogia. Trabalho com a disciplina, com o componente curricular “Culturas Afro-Brasileira e Indígena”. Desde 2007 que atuo no Neab-í, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, da Universidade. Já fizemos várias atividades como seminários, pesquisas, atividades de extensão. Então, é uma honra muito grande tá aqui, né? E a grande preocupação nossa é fazer esse estudo dentro da academia, pra que esse estudo, essas discussões, essa temática das questões étnico-raciais não sejam pontuadas por A ou B, mas sejam uma discussão permanente, especificamente nos cursos de formação de professores, que vão atuar na educação básica e que precisam colocar em funcionamento a lei 10.639, a lei 11.645, que discute as diretrizes curriculares para professores da educação básica, sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira, indígena, africana, né? Então, a gente sente que ainda precisamos muito avançar nos cursos de formação de professores com essa temática, com essa discussão. Porque não adianta a lei querer que os professores, lá na ponta, trabalhem essa temática, se os cursos de formação não investirem, não trabalharem, não atuarem nesse sentido. A gente entende que é muito aquém o que se fala sobre indígena e sobre negro no livro didático, que era a minha temática de pesquisa (o livro didático). Ele ainda traz um olhar colonizador, né? Falta dar voz ao indígena, dar voz à pessoa negra, no livro didático, para que a gente reconheça a resistência, a luta dessas populações para construir esse país. Ainda tem autores que falam da contribuição do negro. Para mim, isso tá errado! O negro não contrubui com esse país, ele construiu esse país (e constrói ainda hoje)! Negros e indígenas são a marca maior do nosso povo! O nosso povo tem muito mais forte essas duas matrizes do que a matriz europeia. E é muito difícil a gente encontrar, na nossa população, pessoas que não tenham essa marca indígena ou negra nas suas famílias. A gente precisa olhar para nossas ancestralidades e ver essa presença negra e indígena na nossa história. E reconhecer isso como valor! Porque ainda tem muita gente que admite, né? Que fala: “Ah, mas eu sou negra... ah, mas na minha família tem negro... ah...”, mas é sempre no sentido negativo, de inferioridade, se sentindo inferior, de desvalorização. O (NOME DO AUTOR NÃO IDENTIFICADO - Minuto 16:52) fala da alienação que existe em relação à pessoa negra, que, se a gente conhecesse mais da nossa história, da história de resistência do povo negro e mais da nossa cultura, para a gente reconhecer a grande presença negra e indígena no nosso cotidiano, a gente se orgulharia de ser negro, de ser negra e da nossa ancestralidade indígena, e não ficaríamos nessa condição de... de não reconhecimento, de ver, ainda, negativamente. Infelizmente, os cursos de formação ainda estão aquém, precisam trabalhar mais (essa é uma luta minha aqui na Universidade, junto aos meus colegas do Neab-í)... E eu acredito que, se a luta, tanto lá na ponta (os professores da educação básica, os movimentos negros, o movimento indígena) e a gente aqui na academia, se a gente faz essa articulação, a gente vai ter, futuramente, uma formação que leve à superação do racismo, à superação dessa visão de



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

inferioridade, dessa visão, ainda, que classifica uma cultura como superior a outra. Então, é um prazer grande, Jô, estar aqui! Conte comigo, é... conte com a minha colaboração no seu trabalho e estou à disposição para contribuir com essa plenária. Muito obrigada pelo espaço!

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Imagina, professora! A gente que agradece. A gente sabe o quanto você tem contribuído e construído a luta das mulheres negras na cidade de Campina Grande. É sempre importante ter a sua participação. A gente sabe das sua disponibilidade e que não tem se negado à luta, à construção. Eu que agradeço a sua contribuição, mais uma vez, com esse momento. Queria registrar a presença ilustre de Arquea, acompanhando aqui com a gente a sessão, que a gente só tem visto, infelizmente, de forma remota, mas que tem sido, assim, uma maravilha ver o quanto ela tem, também, aumentado a capacidade, a partir da maternagem que Jéssica tem experimentado. Então, a gente fica muito mais feliz de ter mais uma mulher alimentando aqui, hoje, a nossa luta. A próxima a fazer uma fala é a Deputada Estadual Estela Bezerra, que está aqui, hoje, pra acompanhar com a gente esse processo. Estela está no segundo mandato, enquanto Deputada Estadual, se coloca enquanto mulher, mulher negra e tem marcado, né? Nesse espaço, que também é a Assembleia Legislativa, como um dos espaços que a gente precisa (do legislativo, né?) pra trazer pra pauta política. Pelo menos pelo espaço da política institucional, trazer a pauta de nós, mulheres negras, e fazer os enfrentamentos necessários, seja a partir de audiências públicas como essa, seja a partir de projetos de lei, mas enfim... trazer também, para o centro do debate político a nossa demanda, as nossas demandas enquanto mulheres negras (porque elas são históricas), mas, principalmente, garantir o nosso olhar, garantir a nossa mão também, aí, nessa construção (de novo, né?) dessa sociedade que a gente espera que, de fato, seja igualitária. Então, Estela, você também tem entre dois e três minutos. E desde já agradeço a sua participação nessa manhã de hoje. Sei que você está em viagem, então, do tempo que você tiver também pra acompanhar aqui com a gente, será uma satisfação. Obrigada!

A SRA CONVIDADA ESTELA BEZERRA (DEPUTADA ESTADUAL): É... primeiro minha saudação à Jô, como Vereadora. Minha primeira oportunidade de tá participando de uma atividade oficial da Câmara Municipal, tendo Jô como nossa representante, né? Representante da democracia, representante da diversidade, representante das mulheres negras, com uma trajetória diferenciada, que chega a essa Câmara que, tradicionalmente, é um espaço de representação democrática, mas que tinha algumas ausências e, notadamente, a ausência da mulher negra. E Jô ocupa, pela primeira vez, abrindo aí esse espaço. Eu quero saudar não só Campina Grande por ter feito essa escolha, mas também saudar essa Casa e às Vereadoras, como Valéria Aragão, que... os Vereadores que estão nessa Casa, que vão ter a oportunidade pedagógica de acompanhar pautas que, tradicionalmente, não ocuparam essa Casa (como essa, que é o dia 25 de julho, que hoje a gente tem a oportunidade de celebrar (é o dia 27), mas que marca o dia latino-americano, cabibenho da Organização das Mulheres Negras). E por que as mulheres negras? Tem sido nós, esse agrupamento de pessoas que representa, numericamente, é... muita gente, não só no Brasil, na América Latina, mas em todo continente americano e até europeu, que nós temos essa representação, essa presença das mulheres, mas que tem representado também uma grande



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

resistência na luta pela democracia. Isso porque, nós, mulheres negras, só ocupamos tardiamente esses espaços de participação, haja vista a minha presença, enquanto mulher assumidamente negra, na Assembleia, e a presença de Jô na Câmara. Isso hoje, no Brasil, tem sido o que mais chama atenção. Não só mulheres negras, mas mulheres negras e trans. A única novidade na política tem sido a projeção dessas representações. E isso é muito significativo para nossa luta! Eu tô muito feliz aqui de ver Sofia, de ver Jéssica, de ver Sidnéia, que são mulheres jovens e que é onde a gente tem muita esperança! São as mulheres jovens e as mulheres negras que foram à rua para denunciar o absurdo que estava acontecendo naquela federal, à época que Dilma foi deposta sem nenhum crime. E hoje nós temos um Presidente genocida (eu gosto de registrar sempre que tenho a oportunidade, porque o Brasil tem mais de 550.000 mortos devido à ausência de propósito do Governo Federal em não combater uma pandemia, em que vários países se saíram de maneira muito menos dramática do que o Brasil tem se saído - ou não tem saído desse processo). E isso não impacta todo mundo igualmente. Impacta, principalmente, os mais vulneráveis. Por que a gente precisa de ter esse dia e de marcar presença nesses espaços, como Jô tá fazendo de maneira extremamente importante e central hoje? Porque somos nós, mulheres negras, que trabalhamos mais, recebemos menos, sofremos pressão de todo tipo de ordem (seja ela do mundo produtivo, seja ela do mundo reprodutivo), temos indicadores de saúde mais precarizados, temos acesso a políticas públicas dificultadas. E toda essa realidade precisa mudar! Eu quero saudar a professora Margareth - já vou encerrando minha fala com isso -, dizendo que a educação é um grande instrumento, um instrumento tanto de cidadania, de acesso, como é um instrumento de transformação da mentalidade. É preciso, como disse ela, se reconstruir a imagem e se reconstruir o significado e a importância da nossa presença na sociedade. Somos nós, mulheres negras, que somos responsáveis por grande parte do que tá aí construído na sociedade, enquanto coisa de qualidade boa. Nós estamos presentes na cultura do *(incompreensível devido ao baixo volume do áudio)*... nós estamos presentes na cultura do cuidado, nós estamos presentes na cultura da transformação, da harmonização *(incompreensível devido ao baixo volume do áudio)*... toda a carência, toda a ausência...

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Estela... Pronto, voltou... porque eu acho que tinha ficado baixo, um pouquinho, o seu áudio, mas voltou.

A SRA CONVIDADA ESTELA BEZERRA (DEPUTADA ESTADUAL): É... somos nós, mulheres negras, que, na maioria das vezes, estamos fazendo a gestão da ausência, da ausência de conforto, *(incompreensível devido ao baixo volume do áudio)*... que dá pra sobreviver resistindo. E, como diz Edinalva, ela não faz ideia...

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Estela, é... a sua fala ficou baixinha... não sei se você colocou a mão na saída do microfone, mas, se você puder repetir só esse finalzinho aí, que a gente ficou sem te ouvir direito.

A SRA CONVIDADA ESTELA BEZERRA (DEPUTADA ESTADUAL): Tá melhor agora, Jô?

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Sim! Agora sim!



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

A SRA CONVIDADA ESTELA BEZERRA (DEPUTADA ESTADUAL): Pronto. Então, somos nós, mulheres negras, que fazemos a gestão da carência da ausência e, muitas vezes, transformando esses lugares muito áridos e duros em lugares onde dá pra sobreviver. Edinalva falando um pouco da sua história demonstrou isso. Uma família de quatorze irmãos, que deve ter sido extremamente difícil, dentro de um quilombo (Quilombo de Alagoa Grande), que a gente... é um dos quilombos mais firmes, inclusive, na preservação da cultura. Quero saudá-la pelo trabalho que ela tem junto à juventude. E, com quatorze filhos, duas pessoas dessa família (só duas) tiveram acesso à educação. E eu sei que esse caminho foi um caminho de inteira superação de adversidade - que é isso que nós somos. Nós somos o exemplo da superação da adversidade! Mas nós estamos dizendo que não queremos mais essa adversidade como um caminho, porque é preciso ter mais justiça social, mais igualdade e mais oportunidade. E isso nós não estamos falando de pouca gente. Nós estamos falando de 70% da população do Brasil que tem etnia de indígenas e negros - como disse a professora Margareth - com muita influência na nossa composição étnica no Brasil. E nós precisamos ter um Brasil mais justo e igualitário. Isso se dá através da política, isso se dá através da educação, isso se dá através da organização da sociedade. Mas, sobretudo, o sentimento de pertencimento - esse que nós estamos assumindo aqui, enquanto mulheres negras, que temos compromisso e que não vamos esquecer a nossa trajetória. Parabéns, Jô! Parabéns à Câmara de Campina Grande que tá tendo a oportunidade de ter pautas tão inovadoras. É... eu lembro bem (termino com essa história, porque essa história representa muito), nós tivemos a oportunidade de ocupar o espaço da Câmara, discutindo sobre a repressão e o impacto da repressão na vida das mulheres e de levar, pela primeira vez, a se sentar nessa bancada uma lalorixá, uma mãe de santo, uma sacerdotisa das religiões negras, de descendência negra, nessa Câmara. E foi preciso muita articulação pra fazer isso! Eu agradeço isso também a Jô que à época trabalhava comigo aí e já assumia essa bandeira como sua bandeira de vida. Saudação! Vou acompanhar aqui, Jô, enquanto eu puder. Feliz demais com essa oportunidade e sabendo claramente do valor dessa luta! Um abraço a todas vocês e quero registrar nos anais desta Casa que hoje se faz história!

O SR VEREADOR RUBENS NASCIMENTO: Senhora Presidente, pela ordem!

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Pois não, Senhor Vereador.

O SR VEREADOR RUBENS NASCIMENTO: Faço um requerimento para que Vossa Excelência... tá ouvindo?

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Tô! Tô ouvindo!

O SR VEREADOR RUBENS NASCIMENTO: Determine a retirada da taquigrafia do termo genocida atribuído ao Presidente Jair Bolsonaro, em respeito às autoridades públicas e, inclusive, em respeito ao que eu tenho à própria deputada Estela Isabel, que aqui representa a Assembleia Legislativa. Apenas para que a gente não parta para um outro tipo de debate que não diz respeito à pauta importante que Vossa Excelência trouxe nesta manhã.



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Tudo bem, a gente registra Vereador o pedido, porque lhe compete enquanto Vereador, mas isso não quer dizer que não mude o contexto, inclusive, daquilo que a gente acredita, mas fica registrada a sua... o seu pedido. Eu gostaria agora de nesse momento de passar a palavra para professora Ivanildes Fonseca, hoje, vice-Reitora da Universidade Estadual da Paraíba. Mas assim eu queria abrir um parêntese até para falar de forma pessoal. A professora Ivanildes foi uma das pessoas que esteve na minha banca de avaliação da minha dissertação de mestrado, foi uma das figuras assim, no momento em que eu precisei qualificar a minha dissertação ela disse: “olhe vá reduzindo, reduza o debate porque você tem uma campanha eleitoral para colocar na rua, você não tem que fazer o debate, enquanto mulheres negras, daquilo que é importante para gente, então, vamos atalhar aqui, que é isso que a gente precisa nesse momento”. E hoje a gente tem a satisfação de ter nesse espaço a gente com mandato eleita e escolhida pela população de Campina Grande de ouvir a professora Ivanildes hoje nesse espaço que, inclusive, incidindo diretamente, fazendo esse debate sobre as cotas raciais, trazendo esse debate hoje vice-Reitora da Universidade Estadual da Paraíba, então com muita satisfação, eu gostaria de passar a palavra para professora Ivanildes e infelizmente dizendo que a Senhora também tem de dois a três minutos, porque enfim a dinâmica que a gente tem nesse momento, mas a Senhora está com a palavra, professora Ivanildes.

A SRA CONVIDADA PROFESSORA IVANILDES FONSECA: Bom dia, Vereadora.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Estamos lhe ouvindo, só não estamos lhe vendo.

A SRA CONVIDADA PROFESSORA IVANILDES FONSECA: Estou meio atrapalhada aqui com essas tecnologias. Mas está tudo ok, estou falando de forma audível, não é?

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: É, mas está tudo certo. Agora sim, professora.

A SRA CONVIDADA PROFESSORA IVANILDES FONSECA: Bom dia, então, a Câmara Municipal de Campina Grande. É com muita honra que recebi o convite da Vereadora Jô e me sinto, assim, muito feliz de estar participando desta Audiência Pública. Em nome de todas as mulheres negras brasileiras, quero registrar que é uma grande conquista para a população brasileira, ter este dia sendo celebrado, em um espaço de poder tão importante para nós que é o Poder Legislativo, principalmente o Poder Legislativo Municipal, que é o Poder que está próximo as pessoas. Então tenho que fazer aqui essa referência a esta conquista que é uma conquista não apenas referendada pela Vereadora Jô, mas por toda a cidade de Campina Grande que abre esse espaço e aponta um avanço na mentalidade social brasileira. O que nós vimos há tanto tempo na história, reivindicando esse avanço, nessa mentalidade social, que foi construída lá atrás na história, mas que perdura nos dias de hoje, além este avanço, desta modificação, desta transformação na mentalidade social brasileira, nós queremos acompanhar com mais intensidade as políticas públicas destinadas ao segmento populacional afro-brasileiro, especialmente as mulheres negras, que infelizmente lideram algumas estatísticas negativas. Nós queremos ver essas estatísticas negativas revertidas e que a gente possa ter mulheres negras em posições dignas na sociedade. E eu sempre digo, toda política que incide sobre a população afro-brasileira ou negra, ela incidirá no cenário brasileiro, uma vez que nós somos uma parte significativa deste Brasil.



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

Então, gostaria mais uma vez de parabenizar em nome da UEPB, e em nome de toda a sociedade paraibana. Obrigada e força.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: A gente que agradece professora, inclusive, a sua disponibilidade. A professora está no meio de um planejamento. Mesmo diante do convite, não se negou para estar aqui, dando essas contribuições e mais uma vez eu reforço, é um ganho para a Universidade Estadual da Paraíba de ter a frente nesse processo, conduzindo os caminhos. E eu tenho a certeza que será um ganho para a população paraibana de um modo geral e de todas as pessoas que hoje transitam e tem a UEPB como esse espaço de construção, de saber, e principalmente de formação de profissionais que terá a possibilidade de incidir de forma muita mais qualificada, no contexto da nossa sociedade. Então, mais uma vez gratidão, pela sua disponibilidade, fomos muito bem recebidas quando procuramos a Universidade e tenha também não só em nome enquanto Vereadora, mas acredito também enquanto Casa este espaço, um espaço aberto também para construir esses caminhos, construir esse diálogo, com a Universidade Estadual da Paraíba. Muito obrigada professora. Gostaria de nesse momento, de chamar Shirlene dos Santos Brito que é a Presidenta da Associação das Trabalhadoras Domésticas aqui de Campina Grande. Está como Secretária do Sindicato Estadual das Trabalhadoras Domésticas, e assim trazer essa fala de Shirlene hoje, Shirlene compõe a nossa assessoria, mas Shirlene está aqui muito mais a parte desse lugar que ela constrói, que ela contribui pelo debate sobre a realidade das mulheres negras e isso é essencial falando isso sobre os trabalhadores domésticos, então, é importante que faça essa relação até porque a gente sabe que mais de sessenta por cento das pessoas que compõem hoje ou que são trabalhadoras domésticas são mulheres negras, inclusive sujeitas as mais variadas condições de trabalho que tem sido inclusive uma luta da associação, dos sindicatos, das federações que pautam a questão do trabalho doméstico, essa iniciativa de fazer essa defesa na categoria enquanto a necessidade de receber salários dignos e tudo isso, mas também pautar a questão da educação, pautar a perspectiva da saúde da aplicação pensando em possibilidades que possam inclusive melhorar as condições de trabalho, das trabalhadoras domésticas que também constroem esse país diariamente, então, Shirlene, você também tem entre dois e três minutos para fazer a sua contribuição.

A SRA CONVIDADA SHIRLENE DOS SANTOS (ASSOCIAÇÃO TRABALHADORAS DOMÉSTICAS): Bom dia. Vocês estão me ouvindo? Então, bom dia a todos e todas, eu quero agradecer o convite da Vereadora e parabenizar, por nos propor essa audiência e convidar a gente enquanto associação das Trabalhadoras Domésticas para tá tratando aqui de assuntos de interesses, de nós, mulheres pretas, aonde somos a maioria nessa população. A maioria dessas mulheres são pretas, e eu enquanto trabalhadora doméstica, enquanto liderança da categoria de trabalhadoras domésticas, aqui em Campina Grande, a gente vem discutindo esses temas, essas questões de desigualdade, de discriminação, dentro do trabalho doméstico, com relação a discriminação de classe, de raça, somos uma categoria de trabalhadoras domésticas, onde a maioria de nós somos mulheres negras, e a gente sofre esses tipos de violência, que as mulheres tem pela questão de ser mulher, por ser mulher preta, por ser uma trabalhadora doméstica, a



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

gente sabe que antigamente quando se teve a princesa, ela libertou a mulher, deu aquela libertação, existia muitas trabalhadoras domésticas, como hoje existe ainda. Foi dada a carta, mas não foi assinada a nossa carteira de trabalhadora. Então, a questão do trabalho escravo, análogo a escravidão, ele continua existindo por falta de atenções específica a categoria de trabalhadoras domésticas. A questão da prioridade nas creches, aqui em Campina Grande, para nossa categoria deixa muito a desejar. Uma diarista, numa trabalhadora doméstica mensalista, para sair cuidar dos filhos dos outros, na casa dos outros ela não tem condições, ela não tem com quem deixar os seus filhos, por falta desse tipos de políticas. Então enquanto a Associação de Trabalhadoras Domésticas a gente vem somando junto as outras organizações para debater esses temas voltado a nós mulheres que somos de movimento negro, que somos representamos uma maioria nessa população, também através desse convite da Vereadora Jô Oliveira, pedir a esta Casa também o apoio que tem o olhar bem específico também a nós trabalhadoras domésticas, que somos a pessoa, a mulher que está lá na sua casa, que tá na casa dessa pessoa cuidando de seus afazeres para que eles saiam e vá fazer os seus, fazemos parte sim da geração de lucro desse país, e dessa cidade também, somos aqui de Campina Grande e queremos muito agradecer mais uma vez, a presença de todas que estão aqui, que somam com a gente conheçam essas companheiras que aqui se encontram desse movimento para estar somando com a gente nesta data tão importante, que é o mês nosso, o mês, essa data tem que ser mencionada e tem que ser refletida todo dia, o respeito e a avaliação de nós mulheres pretas. E obrigada pela oportunidade.

A SRA PERSIDENTE JÔ OLIVEIRA: Grata Shirlene, é sempre uma satisfação lhe ouvir, eu costumo sempre dizer que aprendo diariamente com Shirlene, e assim, diariamente no sentido de que não só por essa relação de assessoria, mas Shirlene antes de qualquer coisa, companheira de luta que a gente se somou nesses esforços ao longo da nossa militância, estivemos juntas pelo menos enquanto associação em várias lutas e não seria diferente também nesse contexto. E Shirlene representa a categoria, inclusive, que faz da minha formação porque para que não sabe minha mãe foi uma trabalhadora doméstica, hoje é aposentada, mas minha mãe, minha vó, minha madrinha, minha tia, todas as mulheres responsáveis pela minha criação direta, inclusive enquanto sujeita, sujeita política que hoje tem a possibilidade de estar aqui, entender a importância do que é a gente fazer a defesa dessa categoria, passa também por essa formação familiar, então, eu sou muito grata a tudo que eu aprendi com essas mulheres, que fazem inclusive questão também de valorizar essa prática de trabalho que é historicamente responsável para a minha construção enquanto sujeita, mas também entendendo do compromisso político que a gente tem com essa pauta e principalmente com a categoria, então, Shirlene, muito obrigada pela sua participação, gostaria de registrar aqui também as presenças de Juliana Gomes, que é funcionária aqui da casa ela está fazendo esse trabalho de taquigrafia há muitos anos, mas também Juliana é uma militante da causa, Juliana faz parte do grupo de Crespas, Cacheadas e Transicionadas aqui da cidade, inclusive uma das primeiras articulações para fazer essa questão da valorização da estética negra, promovendo uma série de encontro no Parque da Criança e outras coisas que também tem uma importância muito grande nesse debate. Registrar também a presença de Albanita Tomaz, liderança comunitária lá de Belo Monte, Nova Brasília que



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

também acompanha esse debate com a gente, registrar também a presença de Ana Patrícia Sampaio, que está acompanhando pelo chat do youtube, registrar a presença de Tati Valéria, aqui para quem não conhece jornalista, a grande responsável pelo site paraibafeminina que tem feito debates importantes, nessa luta nossa diária para fazer essas questões sobre discriminação de gêneros, e também interseccionada a esta questão racial, então Tati tem uma contribuição muito grande recentemente para a gente, subsidiando com matérias importantes que trazem reflexão no que tange as mulheres e as mulheres negras, e trazer aqui também, a memória a gente também precisa reconhecer as nossas lutadoras, Cleonice Gomes uma liderança comunitária negra que estava nesse processo de descoberta da sua identidade, trancionando o cabelo, que pudesse ter construção, mas infelizmente ela veio a falecer, vítima, inclusive, de complicações da COVID, então, fica aqui o nosso registro também nesse processo, agora, eu gostaria de passar a palavra para Sofia Izbelo de Melo e Souza, ela é Candomblecista e avant do terreiro de Queto Angola, aqui da cidade de Campina Grande, representando inclusive dspace qualidade também que faz parte da nossa construção, enquanto povo preto, então Sónia você também tem entre dois, três minutos para trazer sua contribuição.

A SRA CONVIDADA SOFIA IZBELO DE MELO E SOUZA (CANDOMBLECISTA): “Quem é que não se lembra daquele grito que parecia trovão? É que ontem soltei o meu grito de revolta, meu grito de revolta ecoou por vários longínquos da terra, atravessou os mares e oceanos, transpôs os himalaia de todo o mundo, não respeitou fronteiras e fez vibrar meu peito, meu grito de revolta fez vibrar os homens, os peitos de todos os homens. Confraternizou todos os homens, e transformou a vida. Ah o meu grito de revolta percorreu o mundo que não transpôs o mundo. O mundo que sou eu. Ah o meu grito de revolta que feneceu lá longe, muito longe, na minha garganta.” Emergência de poesia, de Amílcar Cabral. Gente, bom dia. Meu nome é Sónia, eu sou como já disse, Jô, candomblecista de um terreiro. Sou também militante do levant, mas hoje estou falando candomblecista. Venho primeiramente pedir licença aos meus mais velhos, aos meus guias e a meu orixá, para estar falando aqui sobre minha espiritualidade, para abrir caminho para está aqui e sem laudian fiquei muito nessa noiá, meu Deus devo falar ou não devo falar, tem tanto iaorixá, tem tanta mãe de santo, mas aí, eu entendo também que é importante ser laudian sendo mãe de santo defender e ensinar sobre religiões matriz africanas é um dever de todo mundo que está na religião, e aí é isso, primeiramente, Jô Oliveira. Muito obrigada por esse espaço, por tornar esse espaço possível, na cidade de Campina Grande que a gente sabe que não é um espaço fácil de ser construído e foi construído a partir de muitas mãos pretas, e todas que estão aqui, que constroem em Campina Grande e aí trazer à tona o juro das pretas como marco da história, da memória da população afrodescendente e afroreligiosa, sabendo que o juro das pretas e o dia da mulher negra latino americana, venha foi instalado no Brasil a sete anos, então, uma história de quinhentos anos sendo construída, são sete anos apenas que a gente tem esse dia de resgatar essa memória e aí é um dia também muito importante para as pessoas que são parte de religiões matrizafricanas, de matrizes afromerindia na real, que quando a gente vê que a intolerância religiosa vem se alargando cada vez mais e que isso vai de extremo contra ponto, ao que dita as nossas leis, com a suposta laicidade do estado que está prevista na Constituição, mas a gente sabe que não é bem assim que funciona, quando a gente sofre na pele,



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

o que é uma intolerância religiosa. E sendo uma opressão na população do terreiro, um projeto de poder é cada vez mais necessário que a gente construa esses espaços e construa espaços didáticos, para falar sobre isso, e que construa políticas públicas, para a população de terreiro e só mesmo o que tange a construção de políticas que protejam os terreiros e a população e as famílias que estão lá. A manutenção e o fortalecimento da cultura e da memória do terreiro dos campinenses, que é uma coisa muito deficiente ainda, e aí entendendo que o Brasil é um território de uma história violenta contra o povo negro todo terreiro aberto e próspero no Brasil é um espaço de resistência. Então tá falando aqui como representante do terreiro também é um espaço e resistência muito grande e aí todo terreiro é um espaço de escolarização e um espaço de resgate de nossas tradições e de nossas memórias, que forma bruscamente arrancadas de nós desde a formação desse país há quinhentos anos atrás, assim eu não queria me alargar muito na minha fala, mas que... queria agradecer muito esse espaço que constrói hoje com tantos mãos e com tantas pessoas negras assim. Eu espero que Campina Grande a Paraíba e o Brasil consigam aprender os valores de orixá qual nosso papel na construção de novos homens, e novas mulheres para fazer do presente, um futuro melhor. Muito obrigada minha gente. É isso. Eu vou ficar acompanhando aqui enquanto eu puder.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Maravilhosa fala Sofia. Gratidão. Gostaria de deixar aqui o espaço aberto aos Vereadores que estão presentes, Valéria, Rubens, Carol, que queiram fazer fala, é só tomar o tempo pode fazer o pedido que a gente vai intercalando aqui com a fala das participantes, viu. Nesse momento, eu gostaria de passar a palavra para Jéssica, Jéssica Kelen Conceição de Oliveira, ela é do Fórum de Artistas Negros e Negras da Batalha do Pedregal, a mãe de Arqueven, inclusive, eu faço questão de colocar isso, como eu já coloquei a maternagem tem feito muito bem também a ela, além de tudo que ela já colocou fez e faz e o que ela contribui para a história cultural social e política de Campina Grande, então, Jéssica você com a palavra.

A SRA CONVIDADA JESSICA KELEN CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA: Oi gente muito bom dia, como todas as outras quero realmente agradecer a Jô pelo convite, eu queria saber se estão me ouvindo direitinho porque a imagem, de Jô travou para mim?

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Estamos, estamos lhe ouvindo bem.

A SRA CONVIDADA JESSICA KELEN CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA(MEMBRO DO FÓRUM DE ARTISTAS NEGROS E NEGRAS DA BATALHA DO PEDREGAL): Então, agradecer Jô por esse espaço. E a gente, as pretas, como bem disse a Sofia, e o tema desse ano é: Para um Brasil genocida as mulheres negras apontam solução. É... a solução é essa, eu teria tantas coisas para falar aqui, que eu vou ter que escolher apenas algumas porque o tempo em que colocou tem muita gente em massa para falar. Eu estava pensando aqui o que seria mais urgente, e aí eu me lembrei que ontem a gente fez uma ação com as crianças aqui do Pedregal, levando lá para o Sindicato de São José para fazer com eles uma tarde de contação de histórias, falando sobre raça e sobre prevenção sobre o abuso sexual. E assim, quando eu tava falando com as crianças, antes disso, quando eu fui chamar uma criança para ir, a mãe me falou que a criança não podia ir porque ela precisava trabalhar, e ela queria trabalhar com reciclagem, e isso me doe muito porque era uma



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

criança que não podia ir para uma atividade, em educação porque ela precisava trabalhar e isso me lembrou muito minha infância, porque eu também catei reciclagem quando era criança, para minha mãe. E as vezes eu não podia ir para algumas coisas que eu gostaria por ter que trabalhar e essa é uma realidade de crianças pretas da periferia. Elas precisam trabalhar, a maioria das famílias aqui da periferia elas se mantêm através do trabalho com reciclagem. E as crianças estão trabalhando desde muito cedo, eu trabalho desde os seis anos, então eu quis trazer esse relato, porque a gente tem tanta demanda, mas quando a gente fala sobre a solução que a gente aponta, está sempre nas crianças, não só nelas, mas nas crianças com certeza, porque eu queria muito que o debate racial, o debate de classe, o debate político chegasse quando eu era mais nova sabe, o debate chegou muito tarde para mim, aliás, tarde não seja a palavra, porque eu estou aqui, é porque eu consegui fazer algo por isso, mas demorou a chegar, hoje em dia eu entendo muito mais de política, eu estou no conselho e aí, as vezes, no conselho eu percebo o quanto é difícil a gente tentar o diálogo com o município, com o governo, é muito complicado, então, Jô, nesse lugar com certeza não está sendo fácil, e por isso que a gente está aqui, porque a gente precisa se unir, as soluções são essas, a gente tentar educar as nossas crianças, a gente passa pelo debate social, ajudar a Jô aonde ela está eu fico muito feliz também porque eu vejo aqui Shirlene quando é que a gente ia ver numa Câmara, povo de terreiro, povo que trabalha com trabalho doméstico, aonde você vê esse é o mandato político, esse é um trabalho de base, vou encerrar a minha parte, eita já terminou meu tempo. Eu ia recitar uma poesia.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Jéssica você tem a licença poética. De declamar o seu poema.

A SRA CONVIDADA JESSICA KELEN CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA: Ah obrigada. Eu vou recitar uma poesia, é rapidinha tem dois minutos. E é uma minibiografia sobre Lélia Gonzales, já que a gente tá falando sobre mulheres pretas. Eu vou trazer um pouquinho de espontaneidade para gente e começa assim: “Quando falamos em mulheres, o que tem vem a memória? Quais são as mulheres que você conhece na história? Já ouviu fala de Lelia Almeida Gonzales? Intelectual, política, professora, que desvendou no Brasil o racismo, e todos os seus males, filha de oxum, não tem mulher que representa melhor, a sabedora e o poder temido, cada lapada que recebia da vida, resignificava e devolvia em pesquisa, sobre racismo e o ceticismo sua luta era pela descolonização do saber criar consciência no povo negro brasileiro, para que eles resgatassem o orgulho de si mesmos, forasteira de dentro, derrubou portões acadêmicos, nos mitos endêmicos de democracia racial, filha de preto e indígena, décima sétima filha com estrutural abriu as portas do Legislativo e ainda que suplente foi o início, mulheres negras agentes políticas com ofício, mas nada lhe afastava de sua base, para entender o racismo foi da filosofia, a psicanálise denunciava a nelose cultural brasileira que impregnada no consciente coletivo a imagem do preto rejeita e aceita a inferioridade do colonismo, onde o colonizado vira salvador da colonização em vez de ser demonizado. Da análise ao dialeto tudo que tiver por perto catupiri, banda, framengo, manifesto tudo conta uma história de sequestro dor e resistência, o preto diz é vivo as e não se curvar a sentença, criadora do movimento negro unificado, Lélia é semente que germina, mulher negra afrodescendente, da messica ladina, Obrigada.



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: É sempre uma satisfação Jessica lhe ouvir e ouvir toda a sua poesia, e todo o sentimento que você coloca nos seus versos e quanto ele são reais, o quanto eles retratam a nossa realidade, a nossa realidade enquanto mulher negra e principalmente nesse poema que você traz a memória de Lélia Gonzalez, seria inclusive uma satisfação que todas as pessoas tivessem a possibilidade de acessar os escritos de Lélia, que inclusive fosse parte do nosso currículo, nas escolas, em todos os espaços porque ela falava do nosso povo, fala da gente e principalmente dessa construção que a professora Margarete trouxe com tanta propriedade, e eu aprendi assim muito, à medida que fui ler Lélia, à medida que fui entender a importância que é a gente ocupar esses espaços porque Lélia também se lançou na carreira política, ficou também como suplente como Deputada Federal então, também houve mais essa identificação pelas opções políticas que se faz pelo campo que se propõe a mim Lélia também ao fugiu dessa tarefa, certo? Então, eu me sinto assim completamente representada e saber que somos inclusive sementes do trabalho e da atuação política e intelectual, social de Lélia Gonzales, então, gratidão, pela contribuição que você traz hoje, de novo deixo espaço aberto aos colegas Vereadores e Vereadoras, e gostaria de passar a palavra agora, para Marli Castelo Branco ela é Coordenadora de Política para as mulheres aqui em Campina Grande, inclusive tem se disponibilizado a fazer esse debate no momento em que a gente convidou como esse espaço governamental das edições de políticas públicas, e colocou à disposição para fazer esse debate conosco, então, Marli você também tem entre dois e três minutos para trazer as suas falas enquanto Coordenadora de Políticas para as Mulheres em Campina Grande.

A SRA CONVIDADA MARLI CASTELO BRANCO (COORDENADORA DE POLÍTICAS PARAS AS MULHERES DE CAMPINA GRANDE): Bom dia a todos, estão me ouvindo Jô?

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Sim, Marli, estamos lhe ouvindo bem direitinho.

A SRA CONVIDADA MARLI CASTELO BRANCO(COORDENADORA DE POLÍTICAS PARAS AS MULHERES DE CAMPINA GRANDE): Bom dia a todos, quero parabenizar a Câmara pela iniciativa, principalmente a sua atuação, aí na Câmara e o destaque para o dia da Mulher Negra, e a gente sabe, Jô, que é um dia de luta não é um dia de se comemorar com festas, com flores, mas é um dia da mulher é um dia de luta da mulher negra, principalmente na luta dos seus direitos, pela igualdade e pela oportunidade para se chegar no mercado de trabalho, para se chegar na política, na educação, importância também Jô é de políticas públicas voltadas para as escolas, as escolas de educação de base para que trabalhe a cultura e o espelho para o nosso ser humano, e também principalmente pela pessoa negra, que foram os primeiros a povoar esse país e tanto da sua cultura foi renegada, então, é tempo, de se dizer, então, basta, e nós enquanto violência doméstica que nós representamos aqui a Coordenadoria da Mulher, a gente vê como é difícil a situação da mulher e de ser a mulher negra ela é mais uma vez violentada, então, minha gente é hora de abraçar a cultura é hora de nós nos darmos as mãos e pedir a Casa das Sete Mulheres, como eu comecei chamando, dizendo: Vamos nos unir para a gente trabalhar em prol da violência contra a mulher e, por que não? Da violência da mulher negra. Por que nós temos um dia dedicado à mulher, e porque não ter, também, um dia dedicado para a mulher negra, como nós já temos em nosso calendário, né? dia 25 de julho, que é dedicado, é o Dia Nacional da



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

Mulher Negra e Dia da Mulher Caribenha. Então, é isso que eu quero dizer: resgatar a história, respeitar a mulher enquanto mulher e respeitar, acima de tudo, independente de sua cor, de sua raça. Que não haja preconceito entre nós. Isso é muito importante, nessa hora, que nós nos demos as mãos e resgatar, resgatar sempre. E já é um resgate você estar aí, Jô, já foi um grande resgate, um resgate da política de Campina Grande, e só temos a parabenizá-la por essa iniciativa e também à Casa de Félix Araújo, por esse espaço que nos está dando. Boa sorte no seu trabalho.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Obrigada, Marli, pela sua contribuição. Para quem não sabe, Marli acabou de fazer uma cirurgia muito delicada. Quero deixar, aqui, o meu desejo pelo seu pronto restabelecimento, porque eu sei dos esforços que você tem feito para garantia a política, inclusive, com muito esforço que você tem para se movimentar, mas não tem fugido à essa construção. Gostaria de reforçar para os colegas Vereadores e Vereadores que queiram participar, sintam-se à vontade. E, assim, queria passar agora para Sam Lima, representante do Movimento Levante Popular da Juventude, também para trazer a sua contribuição, o seu olhar enquanto jovem, mulher, enfim, negra empoderada que tem feito e que faz a diferença a partir da sua organização, mas, principalmente, como essa mulher negra em movimento.

A SRA CONVIDADA SAM LIMA (REPRESENTANTE DO MOVIMENTO LEVANTE POPULAR): Estamos cansados de saber que nem na escola, nem nos livros onde mandam a gente estudar não se fala da efetiva contribuição das classes populares, da mulher, do negro, do índio na nossa formação histórica e cultural. Na verdade, o que se faz é folclorizar todos eles. E o que é que se fica? A impressão de que só os homens, os homens brancos social e economicamente privilegiados, foram os únicos a construir esse país. A essa mentira tripla dá-se o nome de sexismo, racismo e elitismo. Bom dia, gente. Esse trequinho datado, aí, escrito em 1982, pelo Lélia Gonzalez, faz parte da extensa produção intelectual do que ele produziu. Ela foi filósofa, antropóloga, professora, militante e fundadora do Movimento Negro Unificado em nosso país e uma das maiores intelectuais do século XX, como bem já trouxessem falas anteriores. E aí, a contribuição dela para o pensamento brasileiro, não só sobre raça, mas sobre a formação social do nosso povo, do nosso país, foi gigantesca. Nem todas essas coisas impediram que por muito tempo sua contribuição fosse apagada, diminuída da contribuição intelectual do nosso país. E aí, é por isso que eu abro com esse trecho da contribuição dela para a gente. Isso acontece porque a violência racial, ela tem muitas facetas, né? Ela é vista na violência policial, ela é vista na cor das pessoas que ocupam assentamentos precários e favelas, é vista na cor do trabalho doméstico, é vista quando nós olhamos para a Câmara dos Vereadores e vemos muito poucas com a nossa cara, com nossa cor, e é vista no acolhimento epistemológico de nossas contribuições, né? Como à formação, à história, à ciência, à intelectualidade. E aí, eu trago a figura de Lélia pela importância de trazê-la no nosso dia a dia a história das nossas, daquelas que abriram os caminhos para a gente, e trazer, aqui, que o Julho das Pretas, a importância do dia 25, também. Celebramos com muita luta, como bem já disseram, o Dia Nacional da Mulher Negra e o Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha. É importante porque, antes de tudo, é preciso que a gente constantemente reafirme que nós, mulheres negras, que há séculos construímos a história desse país, né? A duras penas e num processo carregado de muita



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

resistência, mas também de muita beleza e de muita coragem. E aí, não falando de coragem para que a gente romantize o que vem sendo esse processo de violência e desigualdade, né? Mas falando de coragem no sentido de que a gente tenha que os desafios que a gente enfrenta, enquanto sociedade, são muito mais difíceis e muito mais sentidos se a gente coloca em jogo, né? Cor de pele, racialidade. E aí, mesmo que a história esteja aí para provar que para a gente nunca foi fácil, é preciso saber, sobretudo, nesse momento conjuntural que a gente vive, que a gente se debruce sobre o fato de que essa conjuntura política que a gente tem vivido agrava uma série de desigualdades que são latentes desde sempre, né? Mas a gente presencia um aumento muito grande da violência, inclusive, que cresce mais entre mulheres negras do que entre mulheres brancas, o aumento da sobrecarga do trabalho doméstico, empregos informais precários e o desemprego, o aumento da fome, da miséria. E aí, é por isso que o Julho das Pretas, que em anos anteriores se volta a debates importantes como mulheres negras na mídia, produção cultural, o que é ser mulher negra nordestina, né? Mas que esse ano traz como bandeira central o tema “Para o Brasil Genocida Mulheres Negras Apontam a Solução”. Isso não à toa, né? Porque nós não estamos, aqui, apenas para apontar os problemas. Nós estamos aqui para apontar a solução desses problemas, porque somos capazes e porque nos é legítimo esse caminho, né? E aí, eu não me apresentei no início, mas eu sou Sam, mulher preta que venho lá do sertão da Paraíba, sou estudante de Universidade pública, militante do Levante Popular da Juventude, atuando, aí, também, nas lutas por direitos na Cidade de Campina Grande. E aí, nesse dia de hoje, nessa Sessão, queria apontar, sobretudo, que para a gente as soluções, elas são imediatas, são para ontem e são claras, né? A gente precisa de currículos escolares que sejam fiéis à história real de luta e resistência de nosso povo, para que nossas crianças que estão aí vejam com mais consciência, com mais alerta sobre isso; assim como a formação social do nosso país, nos cursos superiores, que aí há, também, uma grande falha; e, a gente precisa da diminuição imediata das estatísticas de violência aos nossos corpos em todas as suas dimensões; a gente precisa de políticas públicas que façam jus à diversidade e à desigualdade do povo brasileiro, do povo campinense; e, a gente precisa com muita ênfase e sem fazer distinção de uma pauta à outra, porque tudo estar interligado, a gente precisa urgentemente que Bolsonaro, que a política bolsonarista e tudo o que ela representa não nos cale mais. A gente não pode mais fazer com que essa política de exclusão e violência se perpetue. Então, muito obrigada, Jô, pelo convite. Você tem cumprido um papel fundamental na política da nossa Cidade, na política do nosso Estado, e vamos seguir juntas nessa luta, nessa luta que para nós é tão cara, né? Mas que nos revigora quando a gente se encontra nesses espaços, encontra pessoas tão admiradas pelo caminho. Muito obrigada.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Admirada fico eu diante da sua capacidade, sempre muito lúcida e interligada à nossa realidade, contextualizada diante daquilo que a gente tem enfrentado e a gente sabe do quanto, nesse contexto de pandemia, agudizou aquilo que já eram problemas, que já eram problemas recorrentes para nós enquanto mulheres negras, mas que agora estão mais aprofundados. Então, grata, Sam, inclusive, pela preocupação que você traz com relação à política de educação. E esse é um dos objetivos, também, das audiências públicas, né? Que a gente possa ouvir da população aquilo que ela também espera que a gente possa trazer como



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

debate, como Projeto de Lei, enfim, nesse espaço que é o Legislativo, nesse caso, Municipal, né? Por aquilo que nos compete, dentro seja possível a partir da Câmara de Vereadores, do nosso mandato, vocês tenham certeza que teremos total empenho nisso. Queria chamara, agora, para contribuir, também, com esse debate, Sidinéia Camilo Bezerra, lá da cidade de Remígio. Ela é representante da Comissão Executiva da Juventude do Polo da Borborema, inclusive, que articula mais três Municípios. Então, tem sido uma referência na construção, né? Das marchas, porque são várias edições, né? Da Marcha pela Vida das mulheres e pela Agroecologia, que tem, inclusive, trazido o feminismo e essa bandeira de enfrentamento ao racismo como pauta. Então, tem sido momentos importantes, que a cada mês de março a gente se encontra nas grandes caminhadas, mas é importante lembrar que isso é um processo contínuo, não é? Ele acontece durante todo o ano para a gente possa estar juntos e juntas nesse dia, em marcha, mas essa marcha ela é histórica. Ela está aí, inclusive, para referendar a importância e a necessidade dessa luta. Então, Sidinéia, grata pela sua participação e você também tem entre dois e três minutos.

A SRA CONVIDADA SIDINÉIA CAMILO BEZERRA: Bom dia, Jô. Bom dia, todos e todas. Jô, quero agradecer demais a você pelo convite, quero agradecer a todas que antecederam, a todos que estão participando, aqui, dessa Assembleia, quero, em nome da Comissão Executiva da Juventude do Polo da Borborema, agradecer por esse espaço, né? À juventude, que a cada dia vem se empoderando e ocupando seu espaço de fala, principalmente, para nós, jovens do campo, jovens negros. Então, a gente precisa se colocar. E também quero agradecer, aí, às grandes mulheres, né? A gente não deve esquecer nunca das mulheres que doaram a sua vida por cada uma de nós, colocando aí Margarida Maria Alves, Marielle, e coloca também Analice, uma jovem do movimento de juventude que foi morta de forma cruel. Então, assim, precisamos colocar essas mulheres, e que debate maravilhosa tá sendo esse, aqui, né? Nessa Assembleia da Câmara. Mais um momento que a gente pode estar participando e estar conhecendo a necessidade de cada um e de cada uma, nesses espaços. Quando refleti para fazer e essa fala, eu dizia: “Meu Deus, meus avós nunca imaginaram ocupar um espaço como esse; meus pais, muito menos. E aí, eu estou tendo essa oportunidade”. E quem tem essa oportunidade tem que agarrá-la com unhas e dentes e fazer valer a nossa voz. É respeitar, mas também ser respeitado; é saber que a gente tem o direito de falar e não sermos silenciados. Quando nós abrimos, aqui, a fala, a gente está defendendo os nossos direitos, o nosso direito à vida. Então, eu queria dizer: “Que bom, Jô. Que bom que você é representação nossa”. O orgulho de ver que a Câmara de Vereadores de Campina Grande tem você para nos representar, representar não só a mim, mas às demais companheiras e também toda uma população, aí, que olha e realmente se vê em você, né? Quantas vezes a gente entra em determinado espaço e não vê ninguém parecido conosco? As realidades são muito diferentes, né? Quem nunca acordou cedo, principalmente quem é do campo, acordou cedo e chegou na escola com o pé de lama? Como Nalva falava, com os pés cheios de lama. Quando a gente, mangavam dos nossos cabelos, Jô, da nossa pele, e isso é muito doloroso, muito doloroso. E ter você nesse espaço é gratificante e nos estimula a lutar e dizer: “Ela conseguiu. Eu também posso conseguir”. Então, a todos vocês que estão nesse momento, principalmente os Vereadores e Vereadoras nesse espaço, eu não sei, mas respeito a vida de vocês, a luta de vocês, cada cá tem as suas dificuldades, mas quando nós estamos aqui, nós



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

ocupamos este espaço, nós, negros... Não é mimimi, Jô. Não é mimimi. A Deputada já dizia. Não é mimimi. Alguns dizem que a gente fala muito de mimimi, mas se a gente tivesse os nossos direitos respeitados, não teria esse mimimi. Então, se exige respeito, né? Respeito à nossa história, respeito aos nossos ancestrais, para que a gente possa construir uma sociedade cada vez melhor. Jô, continue firme e forte nessa caminhada. Conte com a juventude para que a gente possa sentar e pensar, porque a gente pensa coletivo. Por mais que se diga, assim, no âmbito municipal, mas as nossas ideias contribuem, sim, para o crescimento no âmbito da Cidade de Campina Grande, né? Mas também para o crescimento pessoal. Então, muito obrigada. Muito obrigada a todos pelo carinho e continuamos firmes e fortes na luta. E, sim, peço desculpa, aqui, à Câmara, mas eu vou dizer: Fora Bolsonaro.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Nós vivemos numa sociedade, inclusive, que a gente ainda pode expressar, né? Dar a nossa satisfação com as nossas concordâncias. Então, da mesma forma que tem gente que concorda e apoia o Governo, também tem gente que é contrário, né? Então, que a gente possa expressar, dentro dos nossos espaços, daquilo que é possível, dentro da livre fala, a partir do que tem sido os nossos desgostos, principalmente, o que tem trazido tantas preocupações para nós, principalmente, para a população negra. Eu tenho algumas observações quanto a isso, mas eu prometo que eu faço na minha fala final. A ideia, aqui, é que a gente possa ouvir mais das pessoas que se disponibilizaram para estar com a gente neste dia, não é? E aí, gostaria de registrar a presença de Williams Lima, que é uma pessoa ligada à pauta em prol da Cidade, que faz esse debate, também, a título da cultura e a questão racial; Marcos Moraes, que é educador popular e também faz esse debate com relação à população negra na cidade de Campina Grande; Ariovaldo Batista, conhecido como Morcego, contramestre, aqui, da Cidade, que também tem um trabalho, uma atuação direta também nessa perspectiva de fazer esse debate, também, sobre a importância de fazer o debate racial a partir da capoeira; Débora Henrique, mulher negra, jurista, que também faz esse debate junto conosco. E aí, para a gente avançar nesse debate, eu gostaria de chamar, aqui, Bruna Santiago, representante do Movimento Culturas. Mas antes de falar de Bruna, eu tenho que dizer o quanto eu fico feliz a cada vez que eu tenho a possibilidade de olhar, lá, a página do instagram Leituras Pretas e toda a pauta que ela traz para o debate racial para o país. É importante colocar que Bruna, hoje, é de Campina Grande, mas ela tem essa referência fora. Bruno está no mestrado, não é? Lá em Sergipe, e aí, eu queria registrar, inclusive, que esses dias ela lançou um livro e, assim, para quem sabe o que é escrever e, inclusive, ter a possibilidade de publicar, eu quero deixar a minha admiração e minha gratidão pela contribuição que você traz hoje para nossa construção enquanto mulheres negras em ter como acessar diretamente da fonte, de uma pessoa tão jovem, com um futuro acadêmico tão brilhante pela frente, que eu sei que você terá. E registrar, aqui, né? O livro que ela lançou esses dias: “O pensamento de Angela Davis – perspectivas de liberdade e resistência”. Então, quem ainda não conhece, eu super recomendo. Eu tenho certeza que, feito por Bruna, por essa mulher negra campinense empoderada, não é coisa que a gente diga assim: “Não é bom”. Eu tenho certeza que é absoluto, maravilhoso e vou já pegar o meu, viu? Bruna, meu bem, você também tem até três minutos.



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

A SRA CONVIDADA BRUNA SANTIAGO (REPRESENTANTE DO MOVIMENTO CULTURAS: Pessoal, bom dia. Eu queria agradecer muito, Jô, esse espaço. É uma honra está aqui, entre tantas mulheres que são referência para mim. E falando de Ângela Davis, eu vou começar exatamente com uma fala de Ângela Davis, que ela diz exatamente: “A política não se situa no polo oposto ao de nossa vida. Desejemos ou não, ela permeia nossa existência, insinuando-se nos espaços mais íntimos”. Então, falar do julho das Pretas é falar de política e falar desse governo genocida. Não à toa, o tema da gente, como a colega já falou, é: “Para o Brasil Genocida, Mulheres Negras Apontam a Solução”. A gente tá vivendo, agora, um momento delicado enquanto mulher negra, como sempre foi na nossa sociedade. Historicamente, ser mulher é estar num processo de lutas e ser mulher negra é estar num processo de luta intensificada pelo racismo e pelo machismo e por várias expressões de exclusão que a gente experimenta ao longo da nossa vida, o genocídio, o epistemicídio e todas as violências que permeiam o nosso corpo. Então, nesse momento, a gente politiza tudo, porque a nossa existência é a política, a nossa vida é uma expressão política, que hoje é um rompimento, também, de todas as violências que a gente passou durante a nossa vida. E a gente vê como estar em grupos de mulheres negras, é, nos mostra como essa trajetória de um Brasil genocida acaba nos unificando. A gente, dentro da experiência com trabalho doméstico, como eu já fui trabalhadora doméstica, como minha mãe já foi trabalhadora doméstica; a exclusão no sistema educacional; o racismo dentro da instituição da Universidade. Então, tudo isso, quando a gente existe nesses espaços são expressões políticas. Eu, atualmente, estou atuando na área da Educação. Eu, junto com a Jéssica e a Carol, a gente traz alguns projetos em escolas, aqui, em Campina Grande, em que a gente tenta atingir nossas crianças através do debate antirracista na infância, né? Então, a gente acaba indo para a periferia e para a zona rural porque é onde há uma falha mais intensa do Estado, e que essas crianças negras periféricas, ou que estão à margem da Cidade, acabam sofrendo de uma maneira intensa. Então, junto com Jéssica, eu acredito muito no potencial da Educação para a gente estar caminhando para mudanças significativas. E ter uma mulher negra nesse espaço de representação política nos instiga bastante. E eu acho que, em suma, é isso. Queria agradecer de estar, aqui, ouvindo. Esse movimento de escuta nos engrandece sempre e nos ensina bastante.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Grata, querida, grata. Sempre uma satisfação lhe ouvir, viu? De novo, deixo o espaço aberto aos Vereadores e Vereadoras que quiseram fazer fala e agora, é, gostaria de passar para Joelma Martins. Ela está aqui como Assessoria Técnica da Secretaria Municipal de Assistência Social. Também, com o espaço que tem, algumas ações voltadas às mulheres, aqui, em Campina Grande. Tenho certeza que você, a política de assistência social com certeza tem uma fatia de mulheres negras atendidas nesses serviços, então, a importância que é, também, a gente estabelecer o diálogo com as pessoas que são responsáveis pela execução das políticas públicas. De novo, né? A construção dessa sociedade que a gente espera, livre de discriminação de gênero, racial ou afins, ela só é possível diante dessa construção que ela leva em consideração que executa as políticas públicas. Então, Joelma, você também tem entre dois e três minutos para fazer a sua fala.



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

A SRA CONVIDADA JOELMA MARTINS (ASSESSORA TÉCNICA DA SECRETARIA MUNICIPAL DE ASSISTENCIA SOCIAL): Bom dia a todos e todas. Bom dia, Vereadora Jô. Já começo parabenizando pela iniciativa. Nós que somos colegas de profissão, colegas de Universidade, né? E falar um pouco sobre a assistência social, que é a política pública que trabalha em prol do desenvolvimento da pessoa humana. Antes de mais nada, eu quero justificar, porque eu estou representando o Secretário de Assistência Social, o Senhor Valter Neves, que precisou ir a uma viagem e pediu que eu fizesse essa representação, de antemão já pedindo que fale do compromisso dessa Secretaria em construir uma política pública de inclusão e inclusão racial. E deixar bem claro que é um sistema de construção. O próprio Sistema Único de Assistência Social está em construção. Como foi dito anteriormente por todas as outras mulheres, esse momento é riquíssimo para isso, onde nós temos a oportunidade a comunidade, ouvir pessoas da Universidade, ouvir militantes, ouvir mulheres negras. Eu também me considero uma mulher negra, apesar de eu ter o cabelo loiro, porque eu pinto, a gente também tem a liberdade que quiser, da forma como quiser. Falando de ancestralidade, eu sou neta de uma negra descendente de escravos; do outro lado, minha vó também era índia. Então, eu sou negra com muito orgulho. Quero fazer referência à fala da colega Rita, que é do quilombo, e ela falou o seguinte, eu até escrevi aqui. Achei muito interessante, porque ela disse: lutar pelo direito da mulher negra, manter essa luta vai muito mais, além, do que ter uma pele negra. Então, achei muito importante essa fala dela, porque, aí, a gente considera a nossa ancestralidade, a história da família, que refletiu e reflete na geração de hoje, à exclusão social, à falta de acesso a serviços, a bens, à informação. É muito importante a informação. Eu estou em comunidade e quando eu estou em comunidade, quando eu converso com o povo de comunidade, eu gosto de esclarecer que existem várias formas das pessoas se empoderarem, mas o conhecimento... Desculpa. O telefone, aqui, tocou.

ASRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Não tem problema. De forma algum. Pode seguir.

ASRA CONVIDADA JOELMA MARTINS: Como eu estava dizendo, o empoderamento através do conhecimento, através da informação, é muito importante. E eu digo para eles que a pessoa que tem informação, que tem conhecimento, independentemente de eles terem estado num banco de Universidade, independentemente de eles terem participado de uma aula de escola, mas esses momentos coletivos, os momentos coletivos de construção em comunidade são importantes demais para a gente adquirir conhecimento. A gente entra numa luta, numa reivindicação de direitos a partir do conhecimento que a gente tem, e aí, a gente se empodera. Queria fazer referência, também, à fala de Jéssica, da comunidade do Pedregal, quando ela falava do trabalho que ela faz com as crianças e que ela se entristeceu quando uma criança não pôde ir por conta do trabalho infantil. Jéssica, você é um braço muito forte nessa comunidade, para disseminar informação, porque criança não é para trabalhar, criança é para estar na escola, pois precisa quebrar esse ciclo. Porque eu trabalhei, porque minha vó trabalhou, porque minha mãe trabalhou quando eu era criança... Isso não é natural. A criança precisa estar nos espaços de escola, nos espaços de conhecimento, no espaço de lazer, ela precisa ser criança, e a gente precisa incentivar isso, a gente precisa informar essa família, a gente precisa criar políticas



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

públicas de acesso. Todas essas questões a gente precisa levar, sim, para a comunidade, a gente precisa levar para esses povos que às vezes não têm acesso às palestras e informações. Fico muito feliz, colega Jô, né? Quando eu escuto a fala de pessoas de quilombo. Já trabalhei também, sou assistente social, como eu disse, de formação, com comunidades quilombolas, aqui, pertinho. A Vereadora Carol conhece, em Boa Vista, uma comunidade quilombola que é muito participativa, que tem um trabalho muito bonito de resistência. E aí, eu admiro demais e torço demais para que realmente consigam acessar todos os direitos que tem e que precisam chegar em todos os lugares: o direito à alimentação, à água encanada, à propriedade, o direito de plantar, o direito de exercer a sua profissão, o direito de ter dons e talentos. São todas essas questões. Então, falando em nome da Secretaria, essa Secretaria é a parte da Gestão que trabalha com a inclusão social e inclusão de todas as formas. É aí que a gente fala “inclusão de minoria”, minoria não no sentido de números, mas minoria no sentido de que essas pessoas não acessam aos seus direitos aos serviços públicos, aos bens e às informações. Então, estou aqui anotando algumas coisas. Vou levar para o nosso Secretário de Assistência Social, que pediu que eu fizesse isso. Também ele deixou aberto, para todos que queiram, visitar essa Secretaria, inclusive, sugerindo programas, projetos, para que a gente possa implantar no Município. A Secretaria também já esteve presente com a UEPB para discutir políticas públicas raciais, discutir conceito de negritude, quem se identifica negro. Alguém também falou que muitas pessoas, pelo preconceito, não se identificam, com medo de sofrer algum preconceito, mas é necessário que a gente possa alcançar essas pessoas. A gente precisa conhecer a população negra do Município, as mulheres negras. Essa Secretaria, especificamente, ela é composta no seu quadro, na sua grande maioria, de mulheres. E aqui nós temos assistentes sociais, psicólogas, pessoas da equipe de apoio, nós temos muitas negras, né? E aí conversando com o professora da universidade, ela falava na questão da etnia, da miscigenação do nosso país em que criou-se um codinome pra que, na época, não colocasse nos registros de nascimento o nome “negro”, né? Naquela parte que falava da raça, eu acho que não tem mais especificando mas é, colocava-se parda. Eu, especificamente, no meu registro de nascimento, eu tenho a identificação de parda e ela dizia que parda foi o nome que foi criado pra não colocar negra, porque as pessoas não aceitavam serem negras por conta do preconceito. Então, uma grande parte da população brasileira, ela se considera parda porque ela foi identificada como parda mas, a gente sabe que é negra, que são negros. Então, quando a gente conta, inclusive, na política de assistência social que a gente vai perceber as pessoas que precisam da política de assistência social, as pessoas que recebem benefício da assistência social, as pessoas que... que são beneficiadas com os programas transferências de rendas da assistência social era na sua grande maioria, elas são mulheres e mulheres negras e pardas. Então, a gente a precisa é... pensar em uma política pública de inclusão social. E aí falar em inclusão social, a gente tá falando de cidadania, acesso à renda, acesso à formação profissional, acesso a emprego, acesso a trabalho e também ter o direito de exercer também o seu lado empreendedor. A gente sabe que no município de Campina Grande a gente tem muitas mulheres com características empreendedoras, desde a zona rural, até a zona urbana nas comunidades quando a gente faz visitas, quando a gente trabalha com grupos, a gente percebe é... a grandiosidade dessas mulheres na criatividade, no poder empreendedor. Até



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

porque, o acesso à renda é limitado, elas precisam serem criativas... criativas da forma em que preparam a alimentação dos seus filhos, criativas na construção das roupas, criativas também na forma de se enfeitar. Então, são mulheres muito criativas, que precisam ter um investimento, um reconhecimento da sociedade, do poder que essa mulher tem, a mulher parda, a mulher negra que ele tem dentro da sua criatividade, do seu poder de luta e da sua resistência. Eu sou muito feliz em participar desse momento, já agradeço o convite, em nome do Secretário e também, parabenizar a todas e todos os vereadores presentes nessa audiência tão importante. Muito obrigada!

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Joelma você, como sempre, perfeita em suas colocações daquilo, inclusive, do que a gente aprendeu juntas, eu faço sempre questão de registrar do quanto eu admiro a sua capacidade técnica e o espaço que você tem de contribuição e de construção dentro da... da Secretaria de Assistência Social, não é de hoje que você está nesse espaço. Então, muito obrigada por contribuir conosco. É importante, eu fico muito feliz quando eu vejo um agente público que tem a possibilidade de executar a política pública, nesse caso, de assistência social para o qual eu também tenho um zelo muito maior, né? Até porque, uma das nossas ferramentas também de trabalho é entender que a política de assistência ela também tem que atentar quem são ou para quem ela se destina, né? E nesse caso a gente tá falando de mulheres, mulheres negras, em sua maioria e é importante até registrar aqui, a gente se conheceu no trabalho como estagiárias ainda no cadastro de pessoas para a primeira... para o primeiro ensaio do Programa Bolsa Família, né? O Bolsa Escola do período. Então, não vou falar de tempo, mas já coloco, exatamente, que foi a primeira vez onde eu me deparei dentro, ou dentro dessa possibilidade acadêmica, enquanto futura profissional de serviço social. Do quanto a nossa força de trabalho, ela tá muito voltada para as mulheres negras. Então assim, foi um dos primeiros momentos em que eu tive a possibilidade de refletir no que significa a nossa condição de trabalhadora também nessa relação direta com mulheres negras e com uma trajetória muito parecida com a minha, né? E agradecer, óbvio, a disponibilidade do Secretário que foi muito ágil, no momento que a gente pediu o nome, óbvio, da sua disponibilidade, ele disse que não poderia, colocou que seria você. Eu agradeço, até por conhecê-la, né? E também dizer que eu fico feliz pelo registro que você traz em relação à comunidade de Santa Rosa, né? A gente já acompanhou algumas atividades lá, Samanta que tá aqui comigo, também acompanhou, enquanto ex-trabalhadora lá do Brocázio, eu tenho um carinho muito grande pela comunidade, a gente acompanhou uma série de processos, inclusive, desse processo de reconhecimento, inclusive, né? A gente tava lá no dia em que a comunidade foi reconhecida como uma comunidade quilombola. Então assim, é muito importante quando a gente tem a possibilidade de ver a história sendo feita, né? Então, eu agradeço é... de forma assim, significativa, com a sua contribuição e essa lembrança que você trouxe. Pois não, Rubens, eu vi que você acendeu aí a sua câmara, quando você acende a sua câmara, você quer falar. Como eu já lhe chamei, pelo menos, umas quatro vezes, você vai querer falar, Rubens?

O SR VEREADOR RUBENS NASCIMENTO: Oi Jô, tudo bem? Na verdade, eu tô aqui sempre de fone de ouvido, apesar da câmera está desligada, mas eu ouvi muitos relatos importantes, muitas



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

poetizas, inclusive, né? Que marcaram aqui com o seu traço, com a sua experiência de vida, com a sua culturalidade e que claro, que também, isso enriquece o debate. De antemão, parabenizar pela iniciativa, de uma proposta diferente, né Jô? Eu acho que é a primeira vez que a Câmara Municipal faz uma audiência pública para tratar desse tema, especificamente, e isso é um resultado da sua representatividade nesta Casa. Claro, que também respeitando a presença importante das outras seis mulheres, com você sendo a sétima componente, mas você sendo integrante do público negro, da mulher negra, é... e também, claro, vou ser aqui repetitivo naquilo que sempre falo, uma mulher muito preparada, estudada que, claro, com todas as dificuldades da vida mas, de certa forma, pôde crescer em conhecimento... conhecimento como também diz na... na vertente cristã, né? O conhecimento, a verdade liberta o ser, o ser acaba quebrando as algemas, muito embora que não seja mais as algemas da escravidão, do período mais duro, mas as algemas dessa, dessa imposição social, das dificuldades da vida e você, de fato, tem uma representatividade em nome dessas mulheres valorosas que falaram aqui, cada uma com a sua experiência. Evidentemente que também destacando que, vez ou outra, com divergências ideológicas políticas ou inclinação... ou inclinações que nós respeitamos. Mas, quero também falando em nome da Câmara Municipal, sendo vereador, agradecer a presença da Deputada Estela Isabel, né? Que representa aqui a Assembleia Legislativa, sua contribuição neste momento, também todas as outras mulheres importantes. Acredito que eu aqui sou o único homem, não é? Presente pra esta sessão, mas faço questão de participar, Jô, no sentido de também buscar um coração ensinável, né? Aprender temas que eu não domino, que talvez não seja da minha leitura cotidiana pra que eu não tenha tanta profundidade no debate, mas estar ampliando o foco de visão para visualizar a dificuldade dos outros, não é? Me colocando na condição dos outros é... isso também é uma atitude cristã e claro que também, trazendo uma contribuição naquela perspectiva do que eu também sempre falo na Câmara Municipal, né? A gente, às vezes, ter um olhar esférico sobre o mesmo fato, isso nos permite olhar uma mesma situação com outros olhos e olhando com outros olhos, a gente potencializa a capacidade de buscar uma solução, de buscar, pelo menos, um encaminhamento que seja mais favorável, que projete a política pública para, de fato, uma efetividade, daquilo que se almeja. Talvez não alcançando aquilo que nós temos como pensamento utópico, não é? Já dizia o nobre Vereador Olímpio Oliveira, a utopia nos movimenta, né? A busca incessante de buscar sempre de... sempre imaginar, de sempre sonhar a... por uma melhoria de vida, uma melhoria da condição do próprio ser a... isso é como se fosse uma escada social subindo cada degrau e também é... creditando que as dificuldades da vida, elas são inerentes à própria existência. Mas, fica o meu registro de parabéns aqui, em relação a todas as outras companheiras mulheres que participaram, que colocaram a sua contribuição. Eu vejo que essa audiência, de fato, marca um momento importante na nossa Casa e, deixando registrado nos anais históricos da Casa de Félix Araújo a... um debate que é, de fato, que merece, de fato, até mesmo retornos em tempos oportunos, especialmente, Jô Oliveira, quando tivermos voltando também para o momento presencial, porque eu acredito que dá pra você trabalhar de uma forma muito mais, sem essa limitação, né? Do mundo tecnológico, né? Mas, fica esse registro de eu ter aprendido um pouco mais com a participação das senhoras e senhoritas e agora na condução da presidência da nossa Jô Oliveira



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

que a gente tem dito, né? Agora a presidência da mulher negra na Câmara Municipal que representa, não apenas o público negro em si, mas as mulheres e que faz, de fato, um mandato bem relevante, apesar, *data vênia* das divergências ideológicas que mesmo assim, a gente tem sempre um respeito muito profundo, né? De ir para o debate a... a... do confronto das ideias. Isso é o que faz o parlamento, né? Pensar que também a... a união dessas diferenças buscando talvez, a gente tenha conseguido nessa legislatura, ressuscitar, de fato, o espírito do parlamento, que é do bom debate, que é de trazer temas pertinentes, né? Relevantes que é da propositura de projetos, igualmente, condizentes à leitura social, isso, graças a Deus, eu tenho visto que essa legislatura tem conseguido fazer isso que você, Jô Oliveira, é um dos instrumentos importantes para movimentar essa Casa Legislativa. Obrigado e tô às ordens.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Ah, grata pela deferência, Rubens. É sempre importante, né? Lhe ouvir e eu faço questão, inclusive, de registrar aqui é... Rubens tem sido um frequentador assíduo dos nossos debates, independente da pauta, né? Porque tem gente que, muitas vezes, por não conhecer, preferem se afastar, preferem não se... não se colocar à disposição e Rubens tem sido essa figura disponível, né? A nos ouvir, mesmo divergindo, né? Mas, muito disponível e isso que é importante e eu também reforço, essa é a grande máxima, acredito eu, dessa perspectiva dialogada, né? Que eu aprendi, inclusive, com a educação popular, eu vi, eu ouvi o contraditório e a possibilidade de se contrapor de forma muito respeitosa, os nossos debates têm sido, né? Então, tem sido também uma satisfação aprender com você e grata, desde já por estar aqui, eu sei que você será um apoiador das nossas pautas. Porque, de novo, a gente não tem possibilidade de superar essas condições que a gente vive, de discriminação, seja ela racial ou de gênero, sexualidade, religiosa, enfim, falando entre nós. A gente precisa dessa troca dessa experiência, dessa partilha e avançando, né? Nessa construção. Queria registrar aqui ao acompanhamento pelo chat de Thiago (Falas simultâneas) lá da cidade de Alagoa Nova...

A SRA VEREADORA CAROL GOMES: Jô? Jô?

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Oi.

A SRA VEREADORA CAROL GOMES: Carol. Eu podia falar um pouquinho?

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Deixa eu só fechar aqui os agradecimentos, que eu passo para você.

A SRA VEREADORA CAROL GOMES: Tranquilo.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: É, agradecer aqui até a (áudio cortado) que tá nos acompanhando é... Carolina Brito que, inclusive, chegou a participar aqui e entrou na sala, mas aí ela não pôde, porque ela está em outra atividade Carolina Brito, lá do Projeto Enegrecida, é uma figura que também tem sido fundamental nesse debate sobre a pauta racial, não só na cidade de Campina Grande, é importante reforçar que Carol é uma das quarenta mulheres lideranças, né? Acompanhadas pelo... pelo Fundo Baobá que tem, inclusive, investido na formação de mulheres negras neste contexto de construir lideranças, né? A partir desse espaço que Carol é uma dessas pessoas, fico muito feliz por isso. E, também aqui agradecer a Ana Patrícia



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

até pela frase que ela deixa aqui pra gente, né? “Viva a todas as filhas da América, as filhas de Dandara, de Lélia Gonzales, de Laudelina de Campos, de Maria Paulina de Jesus, de milhares e milhares de Marias que fariam e fazem no Brasil.” Então, muito obrigada, Patrícia, inclusive, é uma referência que você faz a minha mãe (Dona Basta), estamos aqui nessa construção, né? E aí eu só queria pedir um pouquinho, não é? De atenção às minhas companheiras que ainda faltam falar (são três). Eu vou passar para a Vereadora Carol e aí, a gente segue a programação, tá bom? Obrigada. Pois não, Carol.

A SRA VEREADORA CAROL GOMES: Eu juro que serei rápida, mas eu não poderei deixar aqui de... de falar, né Jô? Desde já, eu quero aqui dar boa tarde a todas que estão presentes e o nosso colega Rubens e, pelo que vejo, é o único homem, bem-vindo entre as mulheres, né Rubens? O nosso agradecimento de você, como homem, prestigiar esse... esse momento e faço as minhas, as palavras de Jô, que Rubens sempre faz questão de estar presente a esses momentos, né? É... Jô, queria lhe parabenizar, pela propositura, mais uma vez, né? Nossa colega é... de bancada, né? Que faz a nossa... a Casa de Félix Araújo. É... como se diz, Jô entra em um momento histórico e eu sou muito feliz também por poder também participar desse momento histórico da nossa Câmara, né? E da casa das sete mulheres, estar nesse momento também dividindo é... esse espaço com a primeira mulher negra como vereadora, né? Então, assim, me orgulha muito, Jô é... é... a nossa parceira, estamos sempre, né? Conversando, dividindo, até porque quando ela fala, né? O quilombola, conforme Joelma falou, o quilombola de Santa Rosa, eu tive é... a oportunidade, né? Enquanto lá trabalhei nessa... nesse município, eu tive a oportunidade de contribuir, né? E vivenciar essa cultura negra, não é? E de poder levar é... é... o olhar da saúde, né? À mulher negra e a todos que lá compõem o quilombola. Então, eu quero dizer a satisfação de passar... de participar desse momento, né? A Casa de Félix Araújo, ela também abre esses espaços, como o próprio Rubens disse, a gente, às vezes, não têm propositura de... da fala, mas é tão importante participarmos. Eu acho que nós tivemos uma manhã... um pedaço de uma manhã, um início de uma tarde de uma aula de cultura, né? Então, isso me... me envaidece, de poder contribuir, né? Na escuta, né... referente a tantas pessoas que trazem falas enriquecedoras ao tema, né? Então, aqui, as mulheres negras, tenham aqui também o meu apoio, né? E aqui também fazendo parte da casa das sete mulheres, né? A... a própria Deputada Estela falava... falava da dificuldade ainda que nós encontramos, enquanto mulheres, né? Enquanto mulheres e, principalmente, em... relacionada à mulher negra e, principalmente, relacionada às políticas públicas, né? Que ainda é... existe os entraves. Então, nos colocamos neste lugar, como missão, eu acho que, acima de tudo, nossa querida Jô, é... é... uma missão que... que Deus colocou em sua vida, né? E tenha aqui a sua colega, né? Da... entre as sete, né? Para que juntas, a gente possa lutar cada vez mais pelo... pelo... pela qualidade de vida, né? Pelas conquistas de nós mulheres e relacionad... não podemos deixar de ser... às mulheres negras. Então, quero aqui parabenizar a todas vocês, né? E agradecer por vir até aqui, né? É... para que é... o debate, ele seja dessa forma, enriquecedora. Então, não... quero deixar só essa mensagem, né? Então, nos colocamos nosso mandato também à disposição de todas vocês. Um forte abraço, né? E vamos à luta, Jô, conte conosco!



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Grata, Carol! Grata mesmo, pela pala... pelas palavras, eu sei do quanto elas são sinceras também, da mesma forma como Rubens faz, e sabermos que também podemos contar com vocês que são importantes também, no que diz respeito à realidade das mulheres negras aqui da cidade de Campina Grande. Queria passar agora para Vanessa Delmiro dos Santos, ela é representante da União Brasileira de Mulheres, também faz parte da articulação do grupo aqui que, inclusive, que eu devo, há pelo menos cinco anos, a primeira aula de bicicleta que eu não sei andar de bicicleta, diga-se de passagem, e essas meninas têm um projeto social que aqui que ensina mulheres, crianças, enfim, pessoas que estejam, né? Disponíveis. Então, Vanessa, com você a fala e grata, desde já, por sua participação.

A SRA CONVIDADA VANESSA DELMIRO DOS SANTOS (REPRESENTANTE DA UNIÃO BRASILEIRA DE MULHERES): Oi Jô, boa tarde! Boa tarde a todos e todas que estão aqui presentes ainda, é... eu agradeço o convite feito por você, pra mim... pra nós que somos da União Brasileira de Mulheres, aqui em Campina Grande, é uma honra poder estar lado a lado com você nessa luta. É... hoje, de fato (aliás, dia 25) foi um dia, é um dia importante, é um dia alusivo, né? Às mulheres negras mas, eu acredito que, não só comemorar, né? a gente... a gente precisa, de fato, reforçar, fomentar, renovar as nossas forças pra que a gente continue aqui nessa luta que começou bem antes de nós. Não é verdade, a memória é importante, né? A memória existe, de fato, é... pra que nosso passado seja honrado, como ele merece, mas nós precisamos dar continuidade a essa luta. É... no início da... da audiência, eu coloquei um comentário a... no chat do Youtube, então eu tava seguindo aqui pelo Zoom é... em relação à... à tentativa, talvez de... de silenciamento da nossa... da nossa voz, né? Nós, enquanto mulheres, cidadãs, estamos aqui utilizando esse espaço, que é um espaço que é nosso, né? Que é do povo, né? Pra poder falarmos das nossas conquistas mas também dos nossos desafios. E eu coloquei lá no grupo: Porque essa tentativa de silenciamento das mulheres? Porque a gente não pode falar do governo atual? Ora, nós estamos vivendo, todo mundo já sabe, um período de crise. É... que ainda foi visto há muito tempo e ainda estamos passando por uma fase negacionista, irresponsável do governo que está à frente do nosso país. Então, a gente precisa falar assim, não tem como nós falarmos sobre a questão das mulheres, as mulheres negras, é... e a população brasileira, em geral, seja pra contextualizar a história. Afinal de contas, nós não estamos num mundo paralelo, nós estamos vivendo num país (no Brasil) que está enfrentando, da pior forma possível, uma pandemia mundial. Então, estamos num país que é governado por um negacionista, sim, por um genocida, sim e por um irresponsável, sim! E nós precisamos falar nos não podemos nos deixar calar, nem silenciar, né? Por questões... não é uma questão ideológica, nem partidária, é uma questão realista, real. E nós, enquanto mulheres, estamos aqui para nos fortalecer, fortalecer a nossa rede, né? E agarrando esse bastão que foi passado para nós. Então, vamos seguir firmes aí nessa luta, feminista, antifacista, antiracista. E eu agradeço, mais uma vez, a oportunidade pela fala (interrupção por sinal sonoro) um grande abraço para todas vocês.

A SRA VEREADORA VALÉRIA ARAGÃO: Jô? Eu gostaria da fala.



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Pois não, Valéria. Deixa eu só agradecer aqui à Vanessa pela contribuição, ela teve um trabalhinho aqui de entrar mais cedo. Mas, mesmo assim, conseguiu fazer aqui a sua fala e eu agradeço a sua contribuição, Vanessa, grata por isso. Pois não, Valéria.

A SRA VEREADORA VALÉRIA ARAGÃO: Bom dia a todos e a todas! É... primeiro lugar eu quero saudar a todas as mulheres negras em nome de Dona Basta, né? Que é a sua mãe, não poderia deixar de ser diferente, parabenizar a nossa colega Jô por essa audiência grandiosa, uma experiência fantástica, com relatos e falas que nos tocam, que nos faz ter uma referência do que o dia da mulher negra. Eu acho que não existe o dia da mulher da negra, todo dia é o dia de mulheres negras, mulheres pretas, que são referências em nosso país, em nosso estado, em nossa Campina Grande, a exemplo de você, Jô, que nos representa, representa Campina Grande tão bem, né? Na nossa Casa de Félix Araújo. Então, lhe agradecer por essa audiência, e dizer que fico muito feliz de ter podido participar, né? De no meu retorno, semana passada eu não estive nas sessões, pelo falecimento do meu pai e dizer que estou muito feliz de poder ter retornado à Casa com essa audiência tão grandiosa, tão maravilhosa. Um beijo a todos e a todas as mulheres pretas de nosso país!

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: É... grata pelas palavras, Valéria, a gente sabe do seu empenho, do seu compromisso, de novo, né? Sinta-se abraçada, eu sei que não deve ser um momento fácil, né? Perder é... essa figura, inclusive, você sempre exaltou, nas suas falas, você sempre trouxe a importância que ele teve pra sua formação, inclusive, política, né? Essa... essa veia também de disputar e estar ocupando um espaço como esse. Então, receba o nosso abraço, né? Eu sei que não é só meu, é de toda a Casa, mas também de todas as pessoas que acompanharam que se solidarizaram com a sua dor que, infelizmente, também é a dor de vários outros milhares de brasileiros, né? Em decorrência de COVID. Então, mas o meu abraço a você e a sua família, em especial, a sua mãe, espero que ela esteja bem assistida, eu tenho certeza que ela está sendo, né? Por todos vocês mas, de novo, eu deixo aqui o meu carinho, viu? E, no que precisar, tu sabe, né? É só dar um toque, que a gente tá na cola da linha. Eu queria passar agora para Vanessa Kesia Sousa Silva que é representante do Movimento Olga Benário, inclusive, que esteve e está na luta construindo várias nações aqui em Campina Grande, não só a partir do Movimento Olga, mas eu sei que também a partir da unidade popular e de tantas outras lutas, né? Que Vanessa tem encampado aqui na cidade, não nos é estranha nessa construção coletiva aqui em Campina Grande. Então, querida, também você tem entre dois e três minutos pra fazer a sua fala e muito obrigada pela participação.

A SRA CONVIDADA VANESSA KESIA SOUSA SILVA (REPRESENTANTE DO MOVIMENTO OLGA BENÁRIO): Boa tarde a todos e todas e todes, né? É, bom, como já falou, meu nome é Vanessa, construo o Movimento de Mulheres Olga Benário também, é... também faço parte da Unidade Popular, né? É... bom, primeiramente, eu queria dizer que é uma satisfação tá pegando esse pedaço da manhã e esse pedacinho da tarde também, é... escutando, né? A trajetória de tantas mulheres, né? Que tem a acrescentar nessa luta, é... e também agradecer à Jô pelo espaço, né? Por tá nesse espaço e poder tá podendo construir pra gente também, ter esse mandato muito próximo, é... e enfim, tentando... dando esse espaço para todas nós. E aí é... esse é um mês que



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

nós temos essa visibilidade, né? Internacional e nacionalmente das mulheres negras, latino americanas e caribenhas e isso é, realmente, um marco que constrói a luta das mulheres negras, né? E aí, quando a gente reforça aqui no Brasil, um mandato nacional que traz como essa referência, né? A lutadora Teresa de Benguela que é... foi uma mulher preta, né? Uma liderança quilombola é... acho que primeiro, é recordar que a nossa resistência, ela vem de muito tempo, né? E, segundo, lembrar no nosso país viveu por mais de quinhentos anos nessa escravidão que matou milhares do nosso povo preto. E aí, quando a gente pensa nessa mulheres negras que foram escravizadas, né? Infelizmente, foram mulheres que foram escravizadas, né? Infelizmente, são mulheres que foram exploradas das piores formas possíveis, né? E aí, então, eu saúdo outros nomes, né? Tanto o de Teresa de Benguela, como outras guerreiras negras que também precisam ser lembradas, né? Como Aqualtune, que foi a fundadora do Quilombo dos Palmares, né? Dandara dos Palmares, Luiza Mahin que foi essa liderança da Revolta dos Malês. E, pra lembrarmos dessas histórias que são símbolos de resistência negra, nesse pior sistema, que foi a escravidão em nosso país e que elas conseguiram libertar, né? O nosso povo de jugo... dessa escravidão. E aí é... eu acho que trazendo pro centro do debate, né? As mulheres negras nos dias de hoje, nós precisamos, principalmente, reconhecer a tamanha violência que essa grande parte da nossa população sofre, né? Dessas mulheres, desde a discriminação, como o número de violência doméstica, que só cresce, né? Eles nunca diminuem. E, nessa realidade, essas são as principais lutas que nós travamos, que nosso movimento de mulheres está aliado, né? Que é em defesa da vida das mulheres, é... ter uma rede de apoio, né? Construir redes de apoios a vítimas de violência hoje no nosso país, no nosso município é essencial, mas, infelizmente, dados os números que só crescem, né? O que é necessário ter uma rede de apoio é... ampliada e que também trabalhe com informações harmonizadas para essas mulheres. E, que de fato, né? É... sejam políticas públicas que além de atendimento é... de medidas que assegurem proteções a mulheres vítimas de violência é... sejam medidas que assegurem acolher essas mulheres, né? Como casas... construção de casas de abrigos, casas de referência a atendimentos especializados e aí eu retomo isso, né? Eu falo disso porque é uma das principais atuações do nosso movimento, né? Que é a luta por uma sociedade sem violência e aí, nós buscamos construir essa rede de apoio (Interrupção por sinal sonoro), mas é importante que seja uma ação pública tomada por todos, né? (Interrupção por sinal sonoro) E aí, não só também aqui na nossa cidade, também já estive, junto com Jô, (Interrupção por sinal sonoro) é preciso que as obras aí que... que estão acontecendo, elas precisam ser terminadas, né? Que passe a ser funcionadas e atendidas pelas mulheres de cada bairro. E também, o nosso movimento luta pelo que é mais que essencial nesse momento da pandemia, né? Que é a luta contra a fome, é... e aí eu aqui reitero que nós opomos há mais de três meses, né? Com vários outros movimentos populares, a cozinha comunitária lá no Bairro do Jeremias, é... e que está sendo desenvolvida por um trabalho diário de mulheres negras, né? Do bairro e essas mulheres, elas todos os dias, estão garantindo comida no prato da sua família e de toda a comunidade do bairro. E aí, até hoje a cozinha comunitária tá se mantendo aberta, né? Garantindo as comidas, todos os dias pras famílias e isso mostra o quanto é necessário é... abertura mesmo dessa... de lutar contra a fome e o quanto é necessário que seja reabertas essas cozinhas que, inclusive, já estão construídas, né? Então, a minha fala é nesse



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

sentido, assim, como Jéssica tinha colocado, né? As demandas são imensas, né? Em defesa mesmo da luta do nosso povo preto, das mulheres negras, mas nós precisamos ser todos e todas aliadas à luta dessas mulheres né? Principalmente a essa grande parte da população pobre, trabalhadora do nosso município, do nosso país inteiro, que é perpassado nesse momento de crise por essa realidade que está matando (sinal sonoro) por essa política de morte né? Do Governo Federal. Lutemos pela vida do nosso povo das nossas mulheres pretas e por uma sociedade igualitária. Então é isso obrigada.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Eu que agradeço, Vanessa, a sua contribuição, inclusive né? Eu queria registrar nós tivemos juntas, inclusive, visitando na obra de uma creche esses dias que também faz parte da luta do Olga Benário, como também Associação das trabalhadoras domésticas, essa questão da ampliação e da possibilidade de construção de creches, espaços para que as mulheres trabalhadoras, e a gente não pode fazer o recorte racial disso né? Possam ter espaço para deixar seus filhos para ter condição de poder trabalhar de forma segura, sem precarizar a relação de outras mulheres. E a gente experimentou, e experimenta isso no nosso debate. Então é importante ter sua companhia nessa atividade. Gostaria de chamar agora para fazer fala, eu prometo que só falta mais duas pessoas. Mirna de Araújo Jorge de Menezes, presidente da Comissão das mulheres, né? Ela também é advogada que representa a Seccional de Campina Grande da Ordem dos Advogados do Brasil. Então Mirna grata desde já pelo convite, ontem no momento que a gente fez né? A proposta Mirna já se colocou eu estou grata desde já pela sua partilha, e você também tem entre dois e três minutos para trazer a sua contribuição.

A SRA CONVIDADA MIRNA DE ARAUJO: Bom dia, saúdo a todas que estão participando, estão me ouvindo? Eu saúdo a todos, eu saúdo a Presidência da mesa, em nome da vereadora Jô Oliveira. Jô desde já a AOB Campina Grande agradece o convite, muito nos honra que a primeira Vereadora Eleita, Negra, da cidade de Campina Grande nos tenha feito o primeiro convite deste ano da comissão, todo ano a gente participa, com a pandemia as coisas ficaram difíceis. E participar da sessão remota e ver o seu trabalho, e ver o quanto você agrega, o quanto o seu conhecimento, enquanto mulher Negra, enquanto assistente social, você assistente social né, Jô? Não tô pecando, estou dizendo certo? E tão importante, é tão significativo e até emocionante para mim participar de uma sessão com você. Eu fico muito honrada enquanto advogada, enquanto mulher, enquanto ativista do direito das mulheres. Então nós estamos no momento extremamente difícil, no qual nós observamos cada vez mais esse direitos sendo diluídos. Conquistas socialmente, historicamente conquistadas, esses direitos sociais estão sendo tirados nesse governo. O acesso a mulheres ao Sistema Único de Saúde. Nós tivemos uma portaria gravíssima do Ministério da Saúde, inclusive, nessa pandemia que versou sobre o acesso de mulheres violentadas ao SUS, o que acontecia? A equipe médica... essa mulher é obrigada a se reportar à polícia quando sofria uma violência, nós temos que proteger sempre a vítima nesses casos. O que acontece hoje estão condicionando o acesso a essa mulher violentada a um termo circunstanciado na polícia, e obrigado a equipe médica a reportar. Isso é muito sério, quando a gente fala disso nós estamos violando o código de ética médica, nós estamos de violando a Lei Orgânica do Sistema Único de Saúde, e nós estamos, inclusive, incorrendo em



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

inconstitucionalidade. Por quê? Porque o código penal ela é violado, isso é uma lei penal de sentido estrito que tá ali sendo totalmente desconsiderada e inconstitucionalmente, uma portaria do Ministério da Saúde publicada pelo Governo Federal, tira esse... essa proteção da mulher, esse acesso da mulher. E quem são as mulheres? Os principais alvos de violência sexual, infelizmente, mulheres negras, infelizmente mulheres pobres. E se a gente não tiver essa ótica da interseccionalidade, se a gente não tiver essa ótica de que não somos iguais, infelizmente, eu sempre digo isso e sempre bato nessa tecla. Ângela Davis que é uma filósofa Negra, que sempre que eu posso, que dá tempo, a obra dela vai ser sempre prioridade, porque além de versar sobre o feminismo negro ela vença também sobre abolicionismo penal. E numa das falas dela ela fala, “quando a mulher negra se movimenta, toda a sociedade se movimenta junto com ela”. Então, se nós prestarmos atenção nas minorias étnicas, se nós prestamos atenção na sociedade, na estratificação desigual da sociedade e a gente vai ter essa compreensão. Essa compreensão de que esses direitos devem... eles são tão preciosos eles devem ser preservados. Nós vimos hoje aqui saudar a data da mulher negra latino-americana e caribenha, é uma data extremamente significativa, histórica por isso. Porque não se entende feminismo, não se entende sobre direito de mulher, não se entende de sociedade sem que a gente compreenda toda a malha social que essas mulheres estão inseridas. E toda a cidade ela deve ser pensada nisso, ela deve ser pensada que tem aparelhos de assistência para elas. Uma cidade que protege mulheres ela deve ter creche para que essas mulheres possam trabalhar, deve ter lavanderias. Uma cidade bem pensada para mulheres para deve ter um transporte público seguro, um transporte público de permita a movimentação delas, que elas cheguem pontualmente nos seus compromissos, que ela possa atender os filhos, que ela pode atender a casa dela eu trabalho se tiver fora de casa. A cidade ela deve ser pensada para que essa mulher ela possa sair à noite sem se preocupar.

A SRA PRESIDENTE JO OLIVEIRA: Você encerrou, Mirna?

A SRA CONVIDADA MIRNA DE ARAUJO: Encerrei, Jô. Obrigada. Eu vou ter que sair agora para um compromisso, eu agradeço. E mais uma vez a OAB Campina Grande penhoradamente agradece à Vereadora Jô Oliveira, agradeço a Casa Félix Araújo por essa oportunidade mais uma vez muito obrigado a todas que acompanharam e todos.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Imagina, nós que agradecemos, Mirna. Principalmente pelas reflexões que você traz no que foi esse projeto, inclusive, o mal-estar que ele nos causa do ponto de vista de ser mais uma situação de violência para uma mulher ou várias mulheres que já estão, né? Vivenciando esse contexto. Então assim, a gente vê com muita preocupação, mas tenho certeza que estamos aqui somando esforços para que a gente possa fazer esse enfrentamento necessário e derrubar situações como essa, tá?

A SRA CONVIDADA MIRNA DE ARAUJO: A comissão está à disposição Jô, sempre que você precisar. Agora estamos em contato, pode falar, muito obrigada.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Eu que agradeço querida, de verdade. Transmita o nosso abraço à presidência da OAB, né? Jairo Oliveira, sei que vocês estão nesse processo de eleição aí, mas enfim grata desde já de novo pela disponibilidade. Antes de passar para Livia que, inclusive, foi



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

aniversariante do dia 11, eu gostaria de passar o registro para o momento de fala para Jéssica Cristina. Jéssica hoje representa aqui nessa nossa conversa o grupo de estudos de gêneros Flor e flor, inclusive, um grupo ao qual eu tenho, assim, um carinho e uma atenção muito grande. Porque foi, exatamente a partir dessa minha aproximação com Flor em flor, ainda na universidade, né? Que eu tive a possibilidade de começar a refletir sobre esse lugar no mundo a partir da Ótica de gênero, dessa perspectiva de ser mulher e de quanto a sociedade ela nos é diferente né? Principalmente a forma e os tratamentos que ela nos dá a partir da nossa condição de gênero. Então Jéssica você tem entre dois e três minutos, transmita o meu carinho meu abraço a cada uma das pessoas que compõe o Flor e flor.

A SRA CONVIDADA JÉSSICA CRISTINA: Boa tarde a todas e a todos. Eu sou Jéssica, faço parte do grupo Flor e Flor, mas também sou mulher negra quilombola aqui da cidade de Pombal eu vou falar a importância da educação para a gente reconhecer...

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Jessica se você puder... Se você me permite, se você puder aumentar o seu microfone só um pouquinho, porque está baixo aqui para a gente ouvir, tá?

A SRA CONVIDADA JÉSSICA CRISTINA: Tá dando para me escutar melhor agora? Pronto.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Melhorou um pouquinho.

A SRA CONVIDADA JÉSSICA CRISTINA: A importância da educação para a gente reconhecer e seguir, buscar os nossos direitos lutar por políticas públicas. Eu sou da Comunidade, esse encontro nós vamos Rural da minha cidade, e é uma comunidade que poucas pessoas tiveram acesso a educação básica e menos ainda a educação superior. Eu fui uma das poucas pessoas com muito esforço, tive que trabalhar como doméstica, exercer diversas outras atividades para conseguir chegar no ensino superior. Então, eu, enquanto estudante, agora consigo reconhecer muito preconceito e muita discriminação que eu... Eu sofri ao longo da minha trajetória, mas eu vejo que na minha comunidade muitas pessoas que não tiveram essa oportunidade não conseguem fazer esse reconhecimento. Então, como uma pessoa que está lutando para sobreviver tem que manter a subsistência da sua família, vai conseguir dialogar coisas como discriminação, de falta de políticas públicas? É um dilema que a gente precisa discutir, por que essas pessoas não tem condição de ir atrás dessas políticas. Os debates que existem na minha cidade são muito poucos a respeito da mulher negra, a respeito das nossas violações, a respeito de nós não conseguimos chegar ao ensino superior, de ocuparmos cargos mais baixos de sempre sermos destinadas aos serviços que o resto da população... da população branca e rica não estão lá. Então, a educação básica, o ensino sobre a nossa história, sobre a nossa sexualidade é fundamental para o reconhecimento para nossa luta enquanto pessoa negra. Então, a minha fala é essa sou muito grata por estar tendo essa oportunidade, a primeira vez que participo de um evento como esse, e ficou aqui a minha fala.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Jéssica, grata pela sua partilha, de verdade muito obrigado pela sua contribuição. E é sempre importante quando a gente vê a centralidade o que é educação né? Tem como política pública de nos ajudar a superação das condições. Eu também fui a primeira pessoa da família né? A ter a possibilidade de ter acesso ao ensino superior de fazer o mestrado,



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

de projetar e pensar, inclusive, o espaço que nós não fomos historicamente ensinadas a pensar e a projetar, e colocar e, inclusive, como perspectiva de vida né? Como está aqui hoje ocupando o espaço do Legislativo nunca fez parte das nossas conversas no café, nos diálogos que a gente tem enquanto família porque é um horizonte muito distante da nossa realidade né? Então, a educação ela nos move a isso, ela nos leva a isso então fico muito feliz com sua partilha tá? Grata de novo por esse espaço. E aí nós vamos encerrar esse nosso momento com a contribuição, e assim eu já agradeço a disponibilidade né? Da Secretaria de Estado da mulher da diversidade humana que é Livia Moura. Quero Agradecer demais a sua participação aqui, Livia. Eu sei dos seus compromissos do seu empenho em trazer a pauta das mulheres e da diversidade que nós somos né? Eu sei que você que você tem assumido com maestria esse espaço. Infelizmente não podemos nos encontrar semana passada na visita, porque eu ainda tava com efeito né? Com reação à vacina que eu tomei a semana passada, mas foi para uma boa causa né? Que eu não pude estar com vocês, mas, enfim, o nosso mandato está à disposição também como essa ferramenta né? Junto à secretaria para contribuir com esse processo de defesa dos direitos das mulheres. Eu sei que a secretaria também tem sido fundamental nesse processo. Pois não querida, infelizmente eu vou ter que dizer para você o que eu estou dizendo a todo mundo a gente está dando entre dois e três minutos para garantir as falas tá bom? Obrigada.

A SRA CONVIDADA LÍVIA MOURA: Tão me ouvindo bem? Peço desculpas, inclusive, pelo atraso ao ingressar na sala. Houve uma confusão na compreensão da agenda, mas parabenizar a Vereadora Jô Oliveira e todas as pessoas que estão participando, parabenizar ao legislativo de Campina Grande por fazer esse debate a partir do gabinete do da vereadora Jô, o gabinete muito importante para nós. Acredito que todas as pessoas que sejam oriundas do movimento sociais comemorou essa conquista, porque faz uma diferença imensa que estejamos na linha de frente de um debate tão importante para a sociedade. Sobretudo num país que ainda, até hoje, sequer se reconhece como um país racista né? Então a gente precisa ainda, fazer autocrítica de se compreender essa contribuição do não enfrentamento ao racismo, muito pelo contrário negativa. Na verdade é muito importante fazermos essa discussão, porque se começamos analisar os dados da violência por si só já vamos ver que as mulheres negras estão no topo dessa estatística né? No ano 2019, segundo o Fórum de segurança pública, das mulheres assassinadas no Brasil vítimas de feminicídio, 66,6% eram negras. Então já demonstra aí que nós temos que ter, a observar esses marcadores e essa violência, é óbvio, para além da violência que todas as mulheres sofrem, há em relação às mulheres negras os outros marcadores oficiais né? Então nós vamos ter que pensar isso também, porque senão a gente vai fingir que faz enfrentamento e não faz. Esses marcadores da exclusão que remédio mulheres essa condição, elas vão se refletir no mercado de trabalho, no acesso ao sistema de saúde, claro na violência sofrida e até no sistema de Justiça né? Então se nós mulheres somos poucas nos espaços de poder, nós mulheres negras somos menos ainda né? Então isso a sociedade precisa fazer uma reflexão. No estado da Paraíba ao contrário do Governo Federal, que o Governo Federal vive num momento tão dramático, e se nós observarmos, nós temos o Ministério da mulher que foi uma conquista um dos movimentos sociais, mas nós não temos uma política das Mulheres desse ministério. Se nós observamos uma fundação como Palmares, veja o que virou. Nós temos uma direção racista, não é nem não fazer



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

o trabalho é uma Fundação racista. Então quando a gente trabalha e atua nos estados, nós temos que pegar essa pauta que os governos estaduais tem levado adiante, sobretudo, no nordeste e temos que contribuir né? Buscar a contribuição da sociedade civil também, que é quem vai nos ensinar. Porque essa pauta ela não foi criada por governos, nem a pauta das políticas pras mulheres, nem do enfrentamento ao racismo, é uma pauta oriunda e dos movimentos sociais. Então, é imprescindível que os movimentos sociais estejam no processo até para nos pautar, até para que a gente não se perca em caminhos outros. Então, nós temos no estado da Paraíba um bem precioso, eu diria, nesse momento que nós temos o plano da igualdade racial, está disponível na página do governo, até sugiro que as pessoas possam conhecer. Esse plano da igualdade racial, ele demonstra o que o governo tem responsabilidade, vários órgãos, várias secretarias, ele não tá alocado apenas na secretaria da mulher e da diversidade humana, há vários setores do governo que tem a responsabilidade de atuação para garantir a (sinal sonoro). Então só pra encerrar, dizer que o governo fez o maior das obrigações já está feita, que é o Centro de Referência da Igualdade Racial João Balula, que embora esteja fisicamente na cidade de João Pessoa, mas atende pessoas e casos de todo o estado. Com equipe multiprofissional para fazer o atendimento às pessoas afetadas pelo racismo, e pela intolerância religiosa. E eu lamento informar, que nós já temos, desde que o centro foi fundado, foi entregue pelo governador João Azevedo em Novembro do ano passado até agora, nós já estamos acompanhando quase cinquenta casos de racismo e intolerância religiosa, né? Embora, alguns casos estejam tipificados como injúria racial que é como caminha e encaminha a lei, nós tratamos como racismo, porque sabemos porque sabemos que no ponto de vista sociológico e estrutural, embora, não possa às vezes ser enquadrado como racismo e seja enquadrado como injúria, mas nós sabemos bem que se trata de racismo. Então, estamos à disposição de vocês para outros momentos e parabenizo, por essa, por esse momento tão especial.

A SRA PRESIDENTE JÔ OLIVEIRA: Nós que agradecemos e aí agora oficialmente quero lhe dar os parabéns, que eu sei que seu aniversário foi ontem né? E aí você faz aniversário no mesmo dia do Vereador Olímpio. Você também faz aniversário no dia do meu companheiro que também foi ontem, né? Então, um dia de muita gente boa. Um dia muito especial para mim, então eu quero agradecer a sua participação, sei do seu compromisso com a cidade de Campina Grande, mas também, com o movimento de mulheres. Ribamar sempre muito gentil, que nos dá essas surpresas de aniversário, então sinta - se parabenizada por todos nós aqui da câmara de vereadores e assim nós estamos chegando ao final da nossa audiência eu quero agradecer a todas as pessoas que nos acompanharam, a partir das redes sociais. Teve muita gente que acompanhou aqui no Youtube da TV Câmara. Fico muito feliz por essa possibilidade a gente teve espaço aberto pra quem pudesse ou quisesse trazer informações, nós tivemos vários comentários e interações nesse sentido, mas eu quero agradecer inicialmente a todas as pessoas que se disponibilizaram a estar aqui com a gente, a construir esse momento, trouxeram as suas falas. Eu sei que são falas que marcam o lugar que cada uma, e cada um está aqui que ocupa e que sabe, principalmente, da responsabilidade que tem, de novo né? Naquilo que eu sempre falo, na construção nessa sociedade que a gente espera que ela seja cada vez mais justa e igualitária, mas ela sendo justa e igualitária com a nossa condução, com as nossas mãos. Não dá



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

pra gente pensar numa sociedade ideal em que as vozes das mulheres negras, e tudo aquilo que a gente produz que a gente faz não seja levado em conta. Então eu quero agradecer aqui, quero colocar que esse momento pra nós na Câmara de Vereadores é extremamente importante. Primeiro, porque nós estamos marcando né? Como várias pessoas trouxeram aqui marcando esse lugar, a partir no momento em que a gente faz história em chegar nessa Casa, a gente sabe né? O caminho que foi e principalmente a dificuldade que foi garantir esse resultado, garantir essa eleição. Termos três mil e cinquenta votos sendo a primeira mulher negra eleita para a Câmara de Vereadores de Campina Grande, mas a gente sabe também que é o compromisso que eu não seja a única, que na próxima eleição que a gente tenha muito mais outras mulheres com esse perfil, com essa possibilidade que representem, inclusive, a maior parcela da população de Campina Grande. Que é importante a gente colocar, também, que como seguindo né? Esse padrão nacional, o maior estrado da população de Campina Grande, também, são mulheres negras. Que a gente possa ir superando esse vácuo de sessenta e oito anos sem a nossa ausência, sem a nossa contribuição nesse espaço. E a partir desse lugar que a gente ocupa sendo essa referência, eu fico particularmente, muito feliz, mas sei das responsabilidades que a gente tem em estimular pra que amanhã mais mulheres e meninas também comessem a entender, que esse também é um espaço nosso, que esse também é um espaço possível. Obviamente eu não estou romantizando né? Porque eu já coloquei o quanto é difícil, mas nunca foi fácil pra gente. Então, como a gente já sabe que não foi fácil, e que não é fácil, a gente se coloca à disposição, fico muito feliz por isso. Quero agradecer aos Vereadores e Vereadoras que participaram né? Todo mundo fez referência à casa das sete mulheres. Eu, particularmente, fico angustiada né? Porque quem assistiu o seriado sabe que a casa das sete mulheres geralmente é tragédia. E eu acredito que a gente tá aqui pra fazer essa construção, dentro do que a gente pode, de fato, contribuir e construir dentro das pautas que a gente trás aos nossos mandatos, mas principalmente, construir o melhor caminho para as mulheres da cidade de Campina Grande. E assim, esse momento que a gente traz hoje como sendo a primeira audiência né? Relativa ao dia da mulher negra latino-americana e caribenha na Câmara Municipal de Campina Grande, a gente marca muito como pontapé né? Como início do que seja essa discussão que a gente quer implementar a partir do nosso mandato com essa pauta das políticas de igualdade racial, mas também, fazendo essa interseccionalidade com gênero. Então, tenha certeza que a gente tem esse compromisso né? Mas nesse sentido compromisso a gente também não pode deixar de trazer aquilo que tem sido né as grandes dificuldades que nós enquanto mulheres negras vivenciamos nesse contexto pandemia. Do quantos dados e as dinâmicas infelizmente, elas acabam sendo gravadas nessa condição de mulheres negras. E assim, colocar que, eu fico inclusive muito emocionada e colocar isso. Eu aprendi com o movimento mulheres negras, eu aprendi com o feminismo negro, que é possível a gente pensar uma sociedade né? E pensar isso pela lógica do bem viver, inclusive, colocando que nós não queremos mais estar entre os piores indicadores de alfabetização, de violência contra as mulheres, de acesso à política de saúde a gente tem a possibilidade a gente tem total capacidade de construir essa sociedade diferente com o nosso olhar, com as nossas mãos, com a nossa contribuição. E é por isso que nós estamos aqui. E eu também, não poderia não registrar o que significa, por exemplo, para quem conhece



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

minimamente história e sabe a luta que nós temos, inclusive, que as pessoas reconheçam né? O nosso passado trágico né? Com relação a nossa chegada aqui nesse país e entender, o que significa quando o Presidente da República se propõe a discutir né? Com representação de um Partido Nazista, quem se choca e quem conhece história e sabe o que foi, quantos milhares, milhões de vidas, na verdade, foram perdidas por conta de um projeto político, por conta de ideologia, também, precisa entender que nós sofremos genocídio enquanto povo preto, nesse caminho e nesse sequestro que nós sofremos de lá para chegar até aqui. E a gente vê em ensaios nesse sentido, acabam infelizmente sem fortalecidos, não só para essa reunião, mas principalmente pelas falas cada vez mais explícitas do quanto o chefe máximo desse país não simpatiza com a causa do povo preto, com população quilombola, com os povos originários que são os indígenas. Então é importante que a gente tenha nesse momento, como uma possibilidade de reflexão do que significarão os próximos tempos. Os cuidados que a gente precisa ter continuação pautas, com os nossos povos, e principalmente com os nossos corpos, porque a gente sabe que nesse contexto de violência da gente vivencia, nós enquanto mulheres negras estamos ali na ponta da lança somos as primeiras, inclusive, vítimas fatais disso. Então, diante desse cenário do que a gente não quer mais, a gente abre esse espaço na Câmara de Vereadores colocando, eu sei que quando eu falo isso eu falo, inclusive, enquanto a Câmara e a Casa esse espaço aberto para ouvir a demanda da população de Campina Grande, no que diz respeito as mulheres negras. Naquilo que é importante e possível que a gente construa com solução, e principalmente superação nesse contexto nós vivenciamos. Fazendo obviamente essas relações nesses contextos que nós vamos precisar experimentar né? A cada vez mais acalorados esses debates eleitorais, mas acima de tudo que os processos eleitorais passam, mas que as nossas demandas elas precisam ser ouvidas, entendidas, e acompanhadas, e principalmente que a gente possa construir caminhos de superação nisso. E aí assim para encerrar, eu quero agradecer de novo a cada um e a cada uma que se propõe. Quero agradecer às pessoas que ficaram aqui na técnica com a gente né? Ribamar capitaneando a entrada e a saída aqui de todo mundo, tocando a campanha, enfim, junto com Djair, junto com Diego. E acompanhando aqui vai gente Juliana, Jailma né? Também que está aqui conosco Bosco, Arthur e em especial a toda nossa equipe, a nossa assessoria que esteve e está aqui agora neste momento fazendo com que a gente tenha esse momento, e essa construção. Já coloco que aquilo que foi posto por vocês a partir das falas que a gente vai esquematizar e ver, obviamente, o desdobramento disso, porque é importante que a gente tenha como referência, que essa audiência pública ela também se propõe ouvir né? O que a cada um e cada uma pode apresentar para que a gente possa transformar isso em outras audiências, em outras reuniões, em outros debates e levando sempre à frente essa articulação e esse debate relativo às mulheres negras. E principalmente aquilo que podem ser ou o que será apresentado como projeto de lei, enfim, mas aquilo que nos compete enquanto legislativo, nós estaremos aqui prontos e prontas para construir. No mais, eu quero agradecer a cada e a cada uma boa atividade né? Para você que ainda tem muita gente e estamos à disposição.

O SR VEREADOR RUBENS NASCIMENTO: Nobre Jô, eu quero só desejar um grande abraço para Nobre Lídia Moura, parabenizar pelo dia de ontem, mas eu já tive o prazer de ser entrevistado, tempos atrás, no programa que Lívia Moura tinha que... Na cidade de Campina Grande, TV



ESTADO DA PARAÍBA
CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
“Casa de Félix Araújo”

Secretaria de Apoio Parlamentar
Departamento de Taquigrafia

Borborema. É uma pessoa muito especial, competente, uma Mulher trabalhadora reconhecida no estado. E convidar todos em nome do gabinete de Jô para almoçar onde Jô? Tem que ter isso também né Jô?

A SRA PRESIDENTE JÔOLIVEIRA: Se tivesse Restaurante Popular, a gente almoçar a um real, infelizmente a gente não tem Rubens, mas eu prometo que na próxima a gente compra pelo menos uma pipoca Karitó. Grata, grata demais gente todo mundo, e a todas as pessoas a todas as representações que a gente tem aqui. Isso mostra o quanto a gente somos diversas o quanto nós somos diversos e das possibilidades que a gente tem. Muito obrigado gente até mais.

JAILMA FERREIRA ORDONHO

Secretária SAP

(ASSINADO O ORIGINAL)